PIXÉ

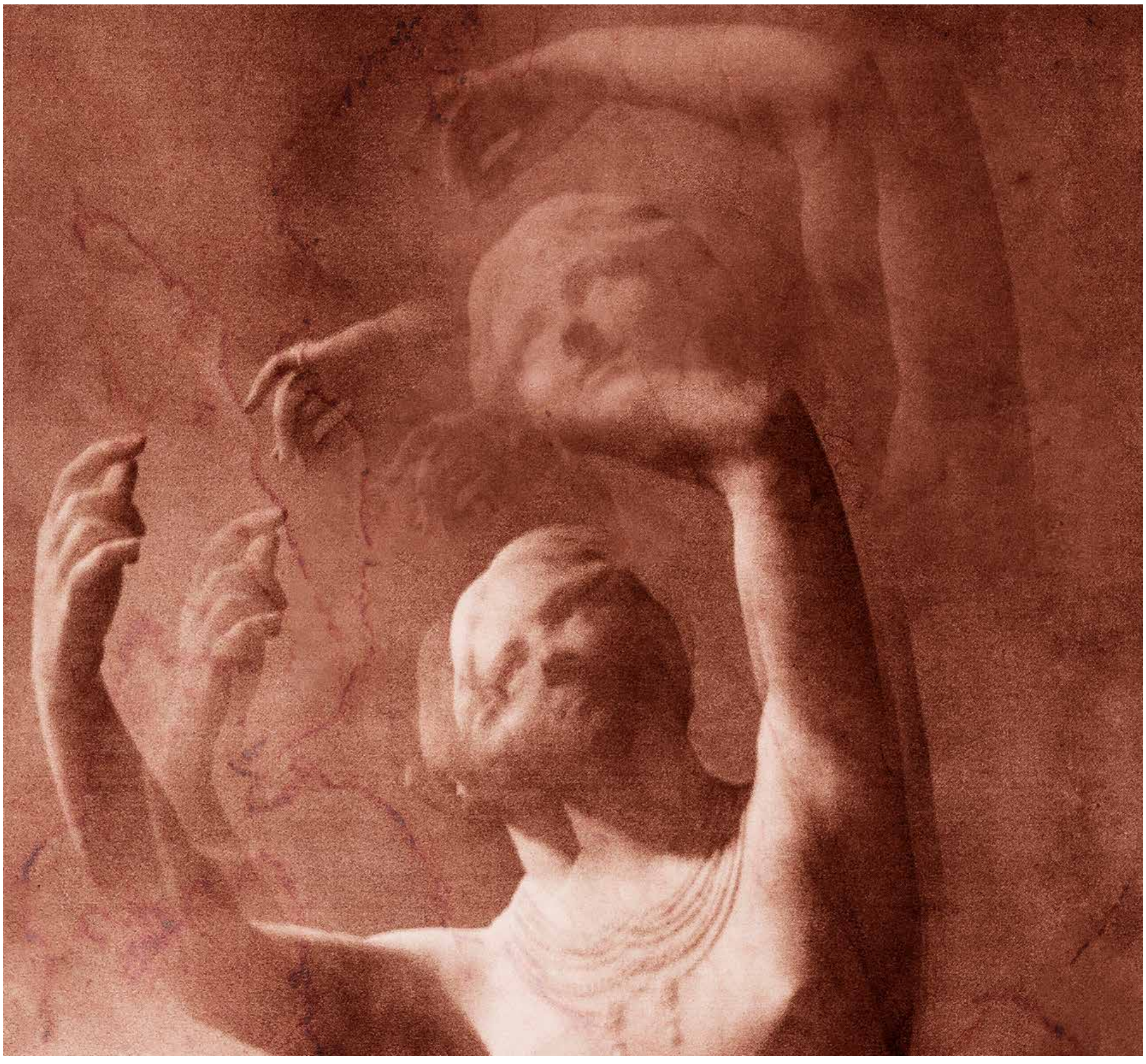
REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

ANO I
SETEMBRO/2019

EDIÇÃO ESPECIAL

100 ANOS DE JOÃO ANTONIO NETO



Eduardo Mahon
Editor Geral

EDITORIAL

Pixé de novo! Não é nenhuma invenção esta revista literária, mais uma de centenas que o Brasil viu nascer e morrer. Costumam trombetear manifestos, reivindicando inovação. Afinal de contas, bom cabrito é o que mais berra, não é mesmo? Na Pixé, contudo, a gente não quer gritar. Pensamos que o sussurro funciona muito mais. Talvez seja essa a diferença: a regularidade e, modéstia à parte, a consistência. Autopropaganda? Claro! Por que não? Afinal de contas, faça chuva ou faça sol, parimos uma edição. É dureza reunir todos os meses mais de três dezenas de escritores e um grande artista para encantar os leitores.

O poeta modernista João Antonio Neto lançou recentemente um dicionário amoroso de palavras, ressignificando surrados verbetes. Daquele cipoal semântico buscamos o que um homem de 100 anos de idade entende por novidade. "Caduco reintroduzido" – eis a definição. Estará errado? É claro que não. No afã de vanguarda, gerações de escritores abjuraram estilos, cuspiram nas cruzes da estética, recusaram influências literárias. Em resumo: negaram o passado três vezes antes de o galo cantar. Mais velhos, porém, esses mesmos iconoclastas desconversam e dizem que a paranoia da juventude foi a responsável pela pretensão de estar à frente do próprio tempo. Para quem viu muita coisa como é o caso de João Antonio Neto, a novidade não passa de um caduco redivivo.

O nosso escritor homenageado com esta edição foi moderno sem ser modernista. Em meio a um grosso caldo parnasiano, ousou o verso livre. Hoje parece pouco, mas não era fácil divergir dos emplumados rouxinóis da época. Nas décadas de 30 e 40, a nova poesia que despontava sem a camisa de força dos versos alexandrinos era um gesto intelectual de rompimento. No fundo, os escritores acomodados com a tradição acreditavam que a liberdade baudelairiana era uma febre passageira, coisa de bárbaros. O poeta modernista era um viking literário: impetuoso, aventureiro e casca grossa. Mas seria o modernista realmente casca grossa?

José de Mesquita, do alto do olimpo acadêmico, torcia o nariz para o modernismo e, claro, para a moçada do verso livre: "De vez em quando, um grupo de 'novos', com tendências iconoclastas, surge de tacape e bodoque, procurando revolucionar os moldes e formas de expressão, mata o soneto pela centésima vez e tenta liquidar os que não lhes acompanham os ardores e verduras da mocidade...". Felizmente, João Antonio Neto e outros tantos trogloditas da poesia derrubaram o estilo grandiloquente dos Golias empoados. Ninguém pense, contudo, que o nosso centenário homenageado tenha precisado de tacape e bodoque. Preferiu o caminho sereno da discreta divergência e, como já dissemos, foi moderno sem ser modernista. Trouxe a novidade sem ser novidadeiro. Contrariou sem romper.

Além do mais, João Antonio Neto fundou e contribuiu com várias publicações modernistas, em meio à tradição passadista da literatura encomiástica, da crônica memorialista, do academicismo redundante. Foi ele quem primeiro desencavou os méritos do inquieto Lobivar Matos, corajoso poeta que denunciava a preguiça intelectual dos "sapos da academia", além de registrar a trajetória dos jovens Gervásio Leite, Rubens de Mendonça e JB Martins de Melo, unidos em prol da Revista Pindorama em 1939. Lançou a Ganga em 1951 e atravessou o tempo inspirando os irreverentes jovens do Caximir com poemas impressos no Saco de Gatos, toalha poética que alegrava as mesas dos botecos do "Baixo Coxipó".

Por tudo isso, dedicamos esta edição integralmente ao sempre jovial João Antonio Neto, o homem que não romantiza o passado, não se desencanta com o presente e não se ilude com o futuro. São raras as ocasiões nas quais encontramos escritores que escapam às armadilhas do idealismo. Enquanto muita gente bate a cabeça contra ou a favor do progresso, João Antonio Neto ri do tempo para vencê-lo.

SUMÁRIO

2 Editorial
10 Olga Maria Castrillon Mendes
12 Marília Beatriz de Figueiredo Leite
14 João Antonio Neto
56 Mari Gemma De La Cruz
58 Larissa Silva Freire Spinelli
60 Divanize Carbonieri
64 Edital Prêmio Pixé de Literatura

EXPEDIENTE

Direção Geral e Edição: Eduardo Mahon
Colaboradores desta edição: João Antonio Neto, Larissa Silva Freire Spinelli, Divanize Carbonieri, Marília Beatriz de Figueiredo Leite, Olga Maria Castrillon Mendes

Projeto Gráfico/Diagramação: Roseli Mendes Carnaíba
Artista Visual Convidado: Mari Gemma De La Cruz

O FUTURO É

UM BURACO

NO MURO

Não há mais violencia, ignorância e exploração.
O bosque reflorestado pela afetividade irriga a terra com águas límpidas.
No jardim das emoções não mais habita o vazio existencial. Prevalece o cuidado universal para a saúde física e mental.
O agora é uma flor de harmonia que exala seu perfume de paz, justiça e liberdade.

As Sociedades respeitam os direitos humanos e dos animais.
O templo do preconceito foi dissolvido. O bem estar prevalece.
A escada do tempo trouxe a libertação da culpa e punição. Não há dor.
Existe ética na cidadania global, na política e nas parcerias. A responsabilidade pelo planeta é compartilhada.

Existe respeito pelas raças, etnias e culturas diversas, todas com igualdade de oportunidades
Teus sentidos não estão mais anestesiados pela melancolia. A riqueza é compartilhada e a desigualdade social foi extinguida.
Já não te afogas no lamaçal do preconceito, indiferença e discriminação. O acolhimento é mútuo.
Não mais existe a injustiça e a exclusão. Somos iguais nas diferenças.

POR ENTRE PLURI-VERSOS DE JOÃO ANTONIO NETO

Em tempos de reflexão sobre o que de poesia tem sido feita a literatura produzida em Mato Grosso e, mais especificamente, o que temos como dominadores de palavra, significativa é a contribuição de João Antonio Neto (19/04/1920), criador de uma "realidade superior", como aquela que impulsionava Mallarmé.

O escritor viveu e produziu em quase todo o século XX. Como jurista, crítico, ensaísta, poeta, atinge, lucidamente, o centenário de nascimento, em 2020. O que seja que cria, Neto é poeta até fazendo lista de palavras, como nos últimos lançamentos *Banquete de palavras*, *Palavras grávidas* e *Revelação em palavras*, de 2018. Uma trilogia linguística em que brinca com os sentidos. É como se estivesse gravando um recado para os contemporâneos e as novas gerações: sem leitura, pesquisa e muitíssimo bom humor, a vida se torna impossível. A poética- geografia (ou seria geometria?!) do verso nos é dada em forma de poemas-aprendizado. Em repouso, a palavra adquire dimensões de embriaguez e atravessa os silêncios com os que passamos a figurar e significar, no devir da encantadora ambiguidade.

Ao longo de produtiva vida tem desenvolvido a faculdade de transitar entre a realidade pragmática e o maravilhoso espaço do imaginário em que tudo é possível. Acolhe vozes vindas de todas as direções, de culturas distintas e recria tudo na escolha do tom muito particular de sua insubstituível dicção. Nesse espaço mágico de poesia a literatura se expande e a palavra habita o poeta e com ela, todo o espetáculo do humano.

Em diálogo com a obra poética e filosófica e até mesmo nos ensaios sobre literatura, colocamo-nos à espreita e somos interpelados por embates entre escuta e fala da linguagem. Penetra-se no "estado de palavra" como fala Manoel de Barros. Dessa maneira consegue-se ver o invisível ou as "(in)significâncias". Nesse movimento do pensar se funda e se finda o inesgotável acontecimento poético. É o espaço de doação que não retém o conhecimento, mas se doa no movimento do pensar. Saber é sabor (coincidência etimológica). É travessia invocada pela experiência do ser que surpreende a existência no instante da criação e floresce na dinâmica verbal.

Por isso, se torna tridimensional: na iniciante poética de *Vozes do coração* (1941) e *Remanso* (1982), na prosa corrompida de *Poliedro* (1970), ou na fragmentação minimalista dos versos de *Silhuetas e (in)significâncias* (1988). Nesse conjunto criativo viaja-se pelas poliletras, ou poliversos, pois as imagens, de tão sofisticadas, são simples; de tanta preeminência, são exatas – palavras-símbolo de um tempo e de um lugar de quem não almeja nada mais do que a poesia verdadeira.

Do poeta guardo memórias de um elegante e alegre professor do Instituto de Linguagem da UFMT, no auge dos anos 1980. Relembro-o numa feliz singularidade de jurista e ardente atitude de poeta. Também como um filósofo suas ideias alcançavam os jovens universitários e a mim me chegaram juntamente com os artigos e ensaios sobre a literatura mato-grossense, publicados na Revista Educação, fundamentais em tempos de escassez crítica. Como membro da Academia de Letras reconheci-o pelos discursos e escritos na Revista e como candidata ao ingresso na mesma instituição, nada mais se equipara ao prazer infinito de penetrar em sua biblioteca e prosear com o poeta ao ofertar-lhe o livro oriundo da minha tese de doutoramento sobre a imagem de Mato Grosso no conjunto da obra do Visconde de Taunay.

Por isso e pelo crescente carinho e admiração que nutro por João Antonio Neto, digo que com ele e sua obra se aprende a viver, a envelhecer com sabedoria e a reinventar o futuro como única saída para a exploração de novas possibilidades e vontades humanas. Puro deslocamento que permite a "heterotopia", do centro para a margem, como fala Boaventura Sousa Santos.

Olga Maria Castrillon-Mendes
É professora do Curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT, dos Programas de Mestrado Profissional em Linguagem/PROFLETRAS e Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários/PPGEL/UNEMAT. É Sócia Efetiva do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres e da Academia Mato-Grossense de Letras; Líder do Grupo de Pesquisa "Questões históricas e compreensão da literatura brasileira" (CNPq/UNEMAT/2002). Integra os Grupos: RG Dicke de Estudos em Cultura e Literatura de Mato Grosso (CNPq/UFMT). É autora de Taunay viajante: construção imagética de Mato Grosso (Cuiabá: EdUFMT, 2013) e Discurso de constituição da fronteira (www.unemat.br/publicações/e-book, 2017), além de artigos em periódicos e coletâneas nacionais e internacionais.

Marília Beatriz de Figueiredo Leite
É professora fundadora da UFMT, adjunta nível IV; mestre em Comunicação e Semiótica, pela PUC-SP. Ocupa a cadeira nº 2 da Academia Mato-grossense de Letras. Publicou O mágico e o olho que vê (Edufmt, 1982) e De(Sign)Ação: arquigrafia do prazer (Annablume, 1993) e Viver de Véspera (Carlini e Caniato, 2018).

OURO EM JOÃO ANTONIO NETO

Faz muito tempo quando estive sendo Professora da Universidade Federal de Mato Grosso descobri um dos seres humanos mais envolventes, cativantes e inteligente que conheci, fui muito feliz de ter convivido com ele. Aprendi muito com meu pai Gervásio Leite, Rubens de Mendonça e com esse singular indivíduo. Ele é o João Antonio de Neto da risada gostosa, da facilidade de compreender e do abraço de acolhimento.

Foi dessa convivência que contemplei a beleza da fuga das condições mesquinhas e fúteis do meio. Trabalhou e lutou pelo progresso em todos os campos que atuou. João Antonio Neto é como disse Gervásio Leite " *um ser iluminado, um homem completo, harmônico, livre que por conta disso ensejou a simplicidade. Ele é tão completo que jamais deixou entrever sua erudição, bem como sua constante batalha pelo Bem, pela Arte e pela Cultura.* "

Ao constatar tudo que ele fez quer na Universidade, quer no Tribunal de Justiça ou na Academia Mato-Grossense de Letras é fácil verificar que com referência àquela época e ao ambiente em que viveu ele é diverso da maioria das gentes. Sua postura, sua maneira de falar e o gesto sempre de expressão compreensiva emoldurava a feição do homem eleito.

A sua vitória ou a glória é que ele poderá e pode ser lembrado não como um representante de tempos passados, mas como signo do presente, deste agora com design da eternidade, dessa juventude da genialidade que é de todas as épocas e que se espraia pelos dias.

Aumenta ainda a trilha de sucesso quando conhecemos seu processo de viver observando que até hoje ele cultiva muito mais que os medalhões de hoje ou de antigamente. A honradez, a competência e o trabalho marcam seus passos.

Sua importância e sua força, o modo de ser poeta, sua caneta na justiça, o exercício como docente, seu companheirismo, as lições cotidianas fazem dele um ser de brilho. Sem apontar erudição surgia do recanto de sua generosidade os mais interessantes ensinamentos sejam aqueles cotidianos ou os mais notáveis. Tudo isso revestido na elegância de sua ereta postura que sempre sinalizou sua impecabilidade.

João Antonio Neto não é apenas um intelectual de vanguarda pois ao estruturar signos novos derruba hábitos já fixados em alguns intelectuais de ponta. Desse modo lança novos olhares encontrando assim horizontes até então desconhecidos. Em *Banquete de Palavras* ele aponta FUTURO como um dos significados "*.... Fazemo-lo, fazendo-nos...*"

Eis aí o desenho, o esboço do que ele entende por futuro: é o aqui e agora com acento nos nossos gestos e nas nossas ações. O alvo é o horizonte, alcançar depende da mirada. João Antonio Neto laça o futuro em todas suas extensões ou como um tempo para alcançar ou como algo adjetivado= vindouro. Seu trajeto de VIDA é um movimento constante entre o ir (futuro) e o vir, entre a ética e a estética, entre a justiça e a literatura, entre ensinar e apreender. Desse modo, como àquele que aprecia a Filosofia JAN encontra o desvelamento, a *Alétheia*. O movimento para o desvelar é circularidade pontual que conduz ao começo e fim. E com isso essa articulação leva o coração fundo ao desvelar. E de que trata a linguagem que fala de um coração fundo? É a palavra que brota do invisível, daquilo que só é possível revelar no que há de concentração "em si" como o próprio João Antonio anota: *Palavras- utensílio para garimpos.* Eis aí a abertura que ele carrega.

Suas construções em todas as áreas têm o peso, o valor e a beleza do OURO, seu fazer é do garimpeiro abrindo fendas para descobertas de tesouros, de trabalhador incansável lapidando as formas auríferas. O lapidar de JAN é possível vislumbrar na obra mais recente Coleção Banquete de Palavras em que bateia cada palavra seduzindo uma outra dimensão significante: "Véu= Que torna a figura mais desejada" " Chamar= Bebida de água salgada"

Ou nos textos anteriores como em: "Quem dá aos pobres,
Empresta a Deus...
(Algo de muito obscuro!)
E se Deus logo lhes desse,
Não seria mais seguro...? "

A concisão que surge nesses escritos assinala o índice de novas possibilidades de leitura que perguntam sobre as escritas mais antigas retratando desassossego geral sobre os problemas das letras concomitante com uma necessidade de atualização da operação literária. Instaura-se a vanguarda em João Antonio Neto. Seu espirito irrequieto busca novas formas de ser presente "Dasein". Aquilo que para Heidegger pode "ser em si" a poética dele persegue o desvão entre uma funda reflexão e o chão expressivo da luminosidade ambiente. Pós-vanguarda...

Eis a magia surpreendente no jovem de 100 anos: sempre escavando em busca dos lampejos e no REMANSO '...-primeira escuridão do nosso dia,
- derradeiro clarão da nossa noite...'
(Livro de 1982) mostrando o que brota do CORAÇÃO, o signo icônico e a ampla construção que estrutura a escrita e vida deste SER sem Tempo = inesquecível/imortal João Antonio Neto!

Tarde ensolarada de um mês qualquer em 2019.

João Antonio Neto
Escritor

A

ACENTOS: Passarinhos que pousam nas palavras, para cantar as sílabas...

ADOLESCÊNCIA: Frenesi provisório...

ADVOGADO: Especialista em dificuldades...

AGUACEIRO: Humor da natureza...

AMAR
1. O próximo... e o distante...
2. Verbo que praticamos, antes de conjugar...

ANTROPOFAGIA
1. Excesso de preferência por gente...
2. Gosto excessivo pela Humanidade...
3. Incorporação do outro, para reforçar o Eu...

APOCALIPSE
1. Fato que não acontece...
2. Não haverá fim do tempo – mas dos tempos...

B

BATOM: Sinal denunciador...

BILAC: Astrônomo amador...

BUROCRACIA: Agente da paciência...

C

CERTINHO: Catador de piolhos...

CÍNICO: Idealista desencantado...

CONSUMIDOR: O primeiro a ser consumido...

COPIAR: Repetir as imperfeições.

CRÍTICA
1. Purgante contra vaidosos...
2. Moinho literário...
3. Quem faz, revela-se, tanto de si como do criticado...
4. Só é legítima quando ajuda a melhorar.

CRÍTICAS: Quando se poupam,
escondem-se os equívocos...
CRÍTICO: O que vê diferente...

CULTO: Sujeito que é poliglota na própria língua...

D

DALÍ: Metafísico da forma...

DARWINISMO: Drama cósmico,
de que fomos testemunhas...

DEMÔNIO
1. Entidade que gosta de fazer pactos...
2. Testificador de virtudes...

DEPRESSÃO: Cansaço de ser si mesmo...

DESERTO
1. Onde espaço e tempo não se encontram...
2. Sugestão de humildade...

DIABO
1. O que também merece uma vela...
2. Personagem que também é bom...

DIPLOMA: Competência de papel...

DIREITO
1. Aquilo que se tem, mas precisa buscar...
2. Não existe, fora de sua comunicação.
3. Público – Só pode ser feito o que
a lei permite expressamente.
4. Privado – Tudo que a lei não proíbe, pode ser feito.
5. Relação de igualdade imanente às relações sociais.

DIVÃ: Confessionário leigo...

DOENTE: Petisco de médico...

DRUMOND: Poeta que pôs uma pedra
no nosso caminho...

Extraído do livro Banquete de palavras, de João Antônio Neto, Ed. Entrelinhas, 2015

E

ELITE
1. Oligarquia da boa vida.
2. Os que se julgam melhores no que são e fazem...

ELOGIOS: O que dizes de mim é o que penso de ti...

ENSIMESMADO: Preferência discutível...

ESCRITOR
1. A fama contabiliza-se em vendas...
2. É preciso ser bom cozinheiro, para fazer livros apetitosos...

ESTILO: Traição e revelação...

EXISTIR: O que não existe, é para inventado...

F

FATO: Primogênito da realidade...

FEIÚRA: O que chama a atenção, mais que a beleza...

FETO: Mergulhador olímpico...

FÍGADO: Víscera temperamental...

FOLHA: Biquíni paradisíaco...

FUTUROLOGIA: Mergulho em lago sem fundo...

G

GELO: Pedra temporária...

GENTE: Alma da casa...

GRACEJO: Mel com limão...

GRAVIDEZ
1. Protuberância do futuro...
2. Confirmação de gênero.
..

H

HÁBITO: Se não faz monge, faz o disfarce...

HOJE
1. É sempre véspera...
2. Parte do ontem, levada para o amanhã...

HOMENS: Iguais, procurando encontrar diferenças...

I

IDEAL: Seria fazer outro mundo, com mais cuidado...

IDEOLOGIA: Religião secular...

IDOSO: Móvel de difícil manutenção...

IGREJAS
1. Algumas são apenas supermercados da fé...
2. Laboratórios das religiões...
3. Empreendimentos religiosos...
4. Tesoureiras do céu...
5. Repartições de garantias...

IMAGINAÇÃO
1. País inatingível, mas capaz de ser vivido...
2. Terra do que não existe...

IMORTALIDADE
1. Impossibilidade lógica...
2. Perdida por uma maçã...

INFINITO
1. Alucinação sem começo e fim...
2. Cessação da arrogância...

INIMIGO: O que me dá a medida dos meus amigos.

INTERPRETAR: É ainda forma de legislar.

INTÉRPRETE: Eco intermediário...

J

JOIO: Erva que, há séculos, luta para se livrar do trigo...

JOYCE: Todos já leram, inclusive Ulisses...

JÚRI
1. Dramaturgia judiciária...
2. Jogo para ver quem comete pênalti...

L

LASCÍVIA: Deusa de olhar estuprador...

LER: Descobrir-se!

LITERATURA
1. Efêmera eternidade...
2. Sintoma de um tempo, e vários espaços...
3. Vinculada à imanência, e não à transcendência...

LUA
1. Buraco do céu, por onde escorre o luar...
2. Luminária gratuita...

LUXO
1. Afetação de poder...
2. Satisfação pessoal, em exibição...

M

MAJESTADE: Pose de girafa...

MALANDRAGEM: Habilidade para ultrapassar conveniências...

MANICÔMIO: Mortuário da mente...

MÁQUINA
1. A que nos há de devorar...
2. Salvação e perigo...

MARGINAIS: Órfãos da vida comum...

MAS: Limitador de consentimento...

MÉDICO
1. Competente criptógrafo...
2. Mecânico do corpo humano...
3. O indivíduo mais odiado pela morte...

MEDO
1. Código ecumênico...
2. Insegurança da incerteza...
3. Olhos arregalados, calafrio e respiração opressa...

MEIO: Subproduto do homem.

MELANCOLIA: Horas crepusculares...

MERITOCRACIA: Padronização na desigualdade...

MIOPIA
1. Vantagem de usar os olhos, mais perto das coisas...
2. Ler, cheirando o que é lido...

MITO: Começo coletivo explicativo.

MODELOS: Espelho da despersonalização chique...

MODERNIDADE
1. Deslumbramento técnico...
2. Mais certezas e mais questionamentos...

MORTOS: Os que olham o mundo, pelos nosso olhos...

MUDANÇA
1. Roupa nova da história...
2. Vítima da resistência...

N

NARCISO: Gênio de mau gosto...

NEOLOGISMO
1. Filho retardatário...
2. Filho temporão...

NEPOTISMO
1. Apoteose parental...
2. Beberam todos na mesma cuia...
3. Peste hereditária...
4. Homenagem à árvore genealógica...

NEUTRO
1. Dito seguro de si mesmo...
2. O que não é...

NOVIDADE
1. Caduco reintroduzido...
2. Coisa mais antiga do mundo...

NOVO
1. Muito do que já é velho, e não sabíamos...
2. O que mete medo ao anacrônico...
3. Só por enquanto...

NUNCA: Porta fechada da qual se perdeu a chave...

O

ÓCIO: Descanso cansativo...

ODONTÓLOGO: Profissional sujeito a dentadas...

OPOSIÇÃO: Até ser cooptada...

ORÁCULOS: Simplificadores de mistérios...

OURO: Magia diabólica...

OUTRO
1. Aquele em que também estou...
2. Na hora em que nasci...
3. É o problema...

P

PALAVRA
1. Aspiração dos mudos...
2. Dicção que repudia o celibato linguístico...
3. Expressão da qualidade humana...
4. Expressão do alcance da percepção do mundo...
5. Expressão que também morre... pelo desuso...
6. Instrumento insuficiente para dominar a intenção...
7. Pronúncia da ideia...
8. Pode ser uma coisa, sem deixar de ser outra...
9. Que transmite mais do que conceitos...
10. Rosto da língua...
11. Som para ser ouvido, e não perder-se no ar...
12. Superação da ordem simbólica...
13. Vale pelo contexto ou por quem a profere...

PALAVRAS
1. Menos significativas do que as coisas...
2. Razão de entendimento e desentendimento...
3. Sinais que encarnam as coisas...
4. Têm corpo e alma...

PARTIDO POLÍTICO: Falta de ação, entre amigos...

PARTO: Alvorada!

PERFUME
1. Cheiro postiço...
2. Galanteio das flores...

PÉS: Libertadores das mãos...

PESSIMISMO
1. Ditadura dos malogrados...
2. Pecado contra a beleza...

PODER
1. Aonde se chega e perde a vontade de sair...
2. É doce, mas pode azedar...
3. Mel e cola...
4. Orgasmo político...
5. Que não conjuga o verbo "sair", mas apenas o "ficar"...
6. Transfiguração...
7. Triunfo da apetência!

POETA
1. Namorado das palavras...
2. Oráculo de verdades fatais...
3. O que vê, sem abrir os olhos...

POLÍTICO: Entorpecedor de problemas...

PROÊMIO: Prefácio pedante...

PRONOMES: Nós, sem eles, não tem sentido...

PRÓXIMO: É também o distante...

Q

QUASE: Salvação do desenlace...

QUEDA: Ato de não passar do chão...

QUINTAL: Éden doméstico...

R

RADICAL: Destruidor de alternativas...

REAL: Moeda republicana...

RECONSTRUÇÃO: Volta ao passado
para encontrar o presente...

REENCARNAÇÃO: Treinamento de vidas...

REIS: As famílias reais servem para ser exibidas...

RENOVAR: Doirar o antigo...

RENÚNCIA: Covardia da conveniência...

RICO: Pecador culpado de ter boa sorte...

ROMA: Todo mundo sabe que não foi feita num dia...

ROMANCE: Mentira acreditável...

ROMANCISTA: Fabricante de complicações...

RONCO: Moto do sono...

ROTATIVIDADE: Remédio contra a inércia...

RUA
1. Parte da cidade que tem olhos...
2. Via que pertence a quem nela anda...

RUÍNAS: Para reflexão melancólica
e imagem pitoresca...

RURAL: Que deseja ser urbano...

S

SABER
1. Espécie de sabor...
2. Sabermos que não sabemos...

SAGRADO: Algo pelo qual também se mata...

SALIVA: Lubrificante da palavra...

SANTÍSSIMA TRINDADE: Impossibilidade lógica...

SAPO: Perfeição da feiúra...

SEMPRE: O interminável...

SEPULTURA: Quarto sem porta de saída...

SER
1. Esta aí...
2. Nossa própria consciência mais profunda...
3. O que se transforma em era...

SERROTE: Dentadura que corta, sem morder...

SÍMBOLO
1. Discurso mudo...
2. Uma coisa que é outra...

SÍMBOLOS: Gramática das religiões...

SINÔNIMO: Riqueza das alternativas...

SOLTEIRO
1. Indivíduo avulso...
2. Metade do gênero...

SONO
1. Laboratório dos sonhos...
2. Roteiro de outras vidas...

SORRISO: Aurora do rosto...

SUICIDA
1. Assassino impunível...
2. Inventor de morte...

SURREALISMO: Realismo onírico...

T

TELEFONE: Devorador das Cartas...

TERREMOTO: Febre telúrica delirante...

TERROR: Inimigo sem rosto...

TESTAMENTO: Presente da morte...

TIRANIA: Fim do tirano...

TRAÇA: Bibliotecário inconveniente...

TRADIÇÃO: Passado sempre presente...

TRANSCENDÊNCIA: O outro lado fugitivo...

TRAVESTI: Indivíduo autêntico...

TROVÃO: Tosse do temporal...

U

ULTIMATO: Conselho inimigo...

ÚLTIMO: O primeiro, ao contrário...

UTOPIA
1. Falsidade de valores harmonizados...
2. Lugar que está em toda parte...
3. Sem ela não se muda o mundo...

V

VACAS: Filosofam, ruminando...

VAGABUNDOS: Não nasceram assim,
foram feitos assim...

VAIA
1. Aplauso censurado...
2. Aplauso divergente...

VELA
1. Armadilha para pegar vento...
2. Chama que se destrói...

VENTO: Respiração da natureza...

VERBO: Rei da frase.

VEREADOR: Titular das rendas do município...

VÉU: Que torna a figura mais desejada...

VIAJAR: Aprender o mundo...

VICE: Impaciente aspirante ao trabalho...

VIVER
1. Atividade de risco...
2. Avançar, mesmo tropeçando...
3. Condição que custa caro...
4. É segurar a vida, para que não caia
nos despenhadeiros...
5. Ter o que fazer...
6. Vivemos, com licença da morte...

VONTADE
1. Cata-vento...
2. É como o vento, que enche as velas...

VOSSA EXCELÊNCIA: Cobertura de subentendidos...

X

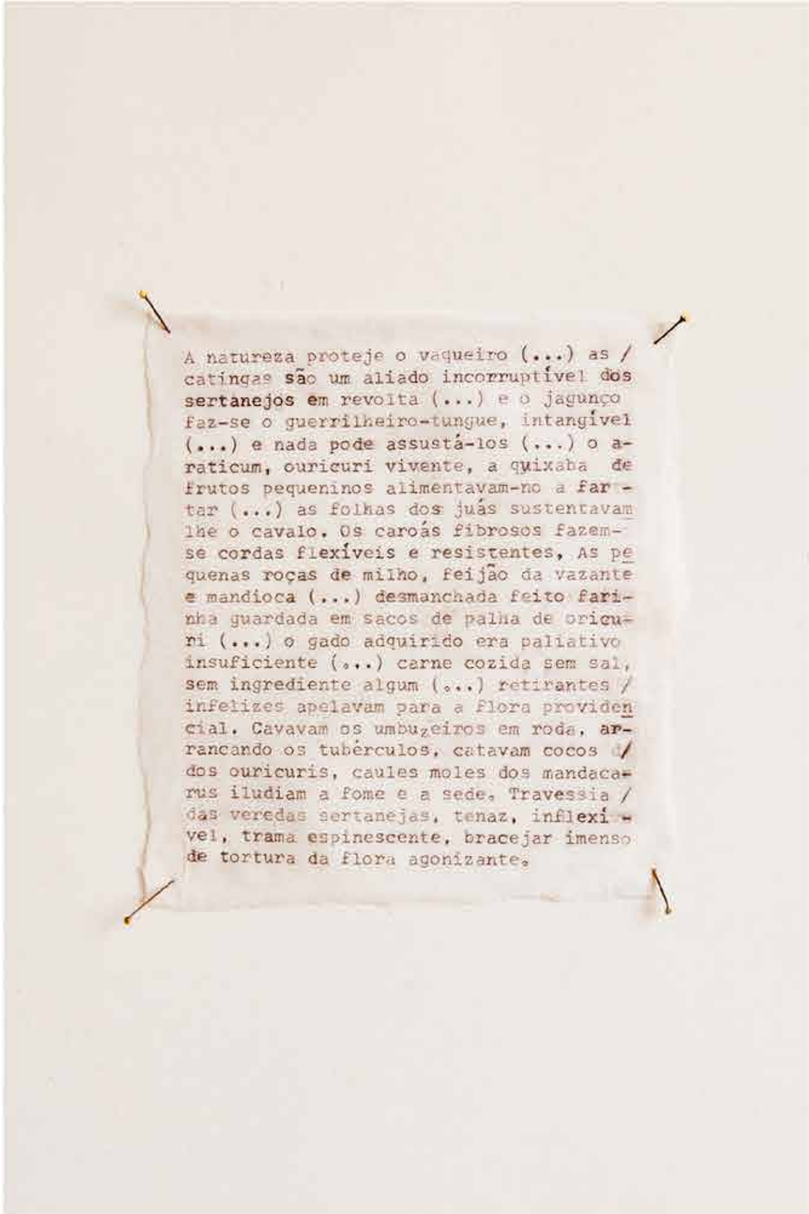
XIPÓFAGOS: Irmãos muito apegados...

Z

ZERO
1. Algarismo que não pode viver sozinho...
2. Nada, que é também quantidade...
3. Olho dos números...
4. O que prefere se colocar no fim...

ZONA: Proletária do desejo...

ZUMBIDO: Confidência das abelhas...



A natureza proteje o vaqueiro (...) as / catingas são um aliado incorruptível dos sertanejos em revolta (...) e o jagunço faz-se o guerrilheiro-tungue, intangível (...) e nada pode assustá-los (...) o araticum, ouricuri vivente, a quixaba de frutos pequeninos alimentavam-no a fartar (...) as folhas dos juás sustentavam lhe o cavalo. Os caroás fibrosos fazem-se cordas flexíveis e resistentes, As pequenas roças de milho, feijão da vazante e mandioca (...) desmanchada feito farinha guardada em sacos de palha de ouricuri (...) o gado adquirido era paliativo insuficiente (...) carne cozida sem sal, sem ingrediente algum (...) retirantes / infelizes apelavam para a flora providencial. Cavavam os umbuzeiros em roda, arrancando os tubérculos, catavam cocos / dos ouricuris, caules moles dos mandacarus iludiam a fome e a sede, Travessia / das veredas sertanejas, tenaz, inflexível, trama espinescente, bracejar imenso de tortura da flora agonizante.

REMANSO

Este rio que aí vês, desfeito em redemoinhos,
de grotão em grotão, desmoronando espumas,
nasceu na serra, além, cristalino, entre algumas
árvores festivas, cheias de alegres ninhos...

Quem o vê rolar assim, transpor pedras e espinhos,
sob a teia do sol e a cinza ional das brumas,
há de pensar, talvez, que ele busca os carinhos
do mar, qual se o mar fosse um tálamo de plumas...

Mas, o certo é que o rio estrondejante sente
uma saudade atroz do seu berço inocente
por que seu grande amor, em convulsões, palpita...

Tanto é que, no remanso, onde entra devagar,
para, treme, reflui, nessa angústia infinita
de quem não quer seguir, mas não pode voltar...

QUANDO EU MORRER...

Quero uma cova, que não seja rasa,
escondida no meio das raízes
dessa árvore que em flores se extravasa,
para a glória dos pássaros felizes!...

Ali, sem ver angústias infelizes,
construirei, de novo, a minha casa,
e viverei no aroma e nos matizes,
enchendo folhas, entre ruflos de asas!...

Tende cuidado, pois, ó lenhadores,
em não ferir essa árvore, com os vossos
machados frios e destruidores!...

Que se a cortardes, do seu tronco exangue,
em vez de cerne – hão de ranger meus ossos,
e em vez de seiva – há de jorrar meu sangue!...

SEMELHANÇA

Há criaturas que são como as paineiras:
vivem dando colchão aos friorentos;
outras, preferem ser a laranjeiras:
tecem grinaldas para os casamentos...

Muitas, sem paina para os nevoeiros,
nem tendo flores para os sacramentos,
dão lenha para o fogo das lareiras
e sombra para a união dos pensamentos!...

Algumas vivem como as parasitas:
matando quem lhes dá seiva e carinhos
e o remédio das mágoas infinitas...

Outras, lembram roseiras caprichosas:
ramos cheios de espinho... Entre os espinhos,
o silêncio balsâmico das rosas!...

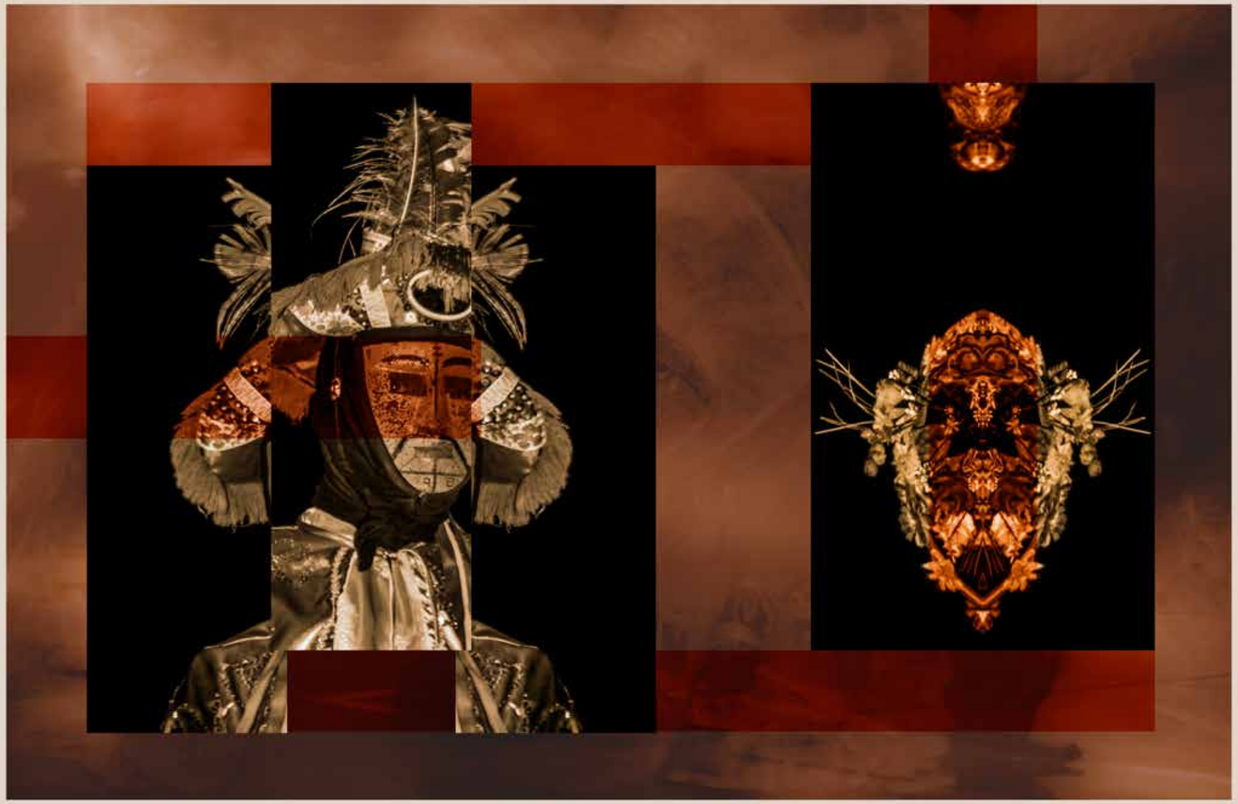
ROCHA

Dizem-te morta, porque nada existe
do gesto humano, em teu sereno rosto
que, sem mover-se e sem chorar, resiste
à água de março e ao duro sol de agosto...

O semblante parado e descomposto,
como que nada vê e a nada assiste...
Ninguém nunca te viu mudar de gosto,
fazer-se alegre ou revelar-se triste...

Mas, talvez, teu silêncio acrisolado
guarde a essência de um grito contrafeito,
num grande pensamento congelado!...

E quem sabe não tens, por arremate,
um sentimento imóvel, sob o peito,
e um coração que sente, mas não bate!...



IMAGINAÇÃO

Fio diáfano que engasta
o fundo imóvel das vidas
ao ideal que nos arrasta
por terras desconhecidas...

Poeira de crenças perdidas,
na solidão roxa e vasta,
extrema-unção dos suicidas,
beijo que doira e devasta...

Sulcando mares proibidos,
nada há que não junte e englobe
na teia dos seus sentidos...

Céu, onde inferno estremece...
Mágoa alegre de quem sobe,
gozo triste de quem desce!...

BÁRBARO ALVORESCER

O rio, rápido, rouco, ríspido, rábido, rola.
forte, fundo, fugaz, furioso, fungando...
Vem o dia a nascer, entreabrindo a corola
da grande flor do sol, as trevas dissipando...

Fina, filigranal, fofa, fluida, flutuando,
nua, nívea, neblina, o céu sereno empola...
E o dia avança mais, orvalhado, ofegando,
e a luz, rasa, revel, rica, ruiva, rebola...

Ao pé da serra heril, onde o céu pôs seus mantos,
freme a fronde feral, farfalhante e fremente
da selva, a despertar, desfeita em castos cantos!...

E quando o sol, enfim, fura o fundo dos valos,
inda se pode ouvir, a ecoar, longinquamente,
o grande gargalhar, galvânico, dos galos!...

Extraído do livro Remanso, de João Antônio Neto, Imprensa Universitária UFMT, 1982.

EU E A MINHA SOMBRA

Eu e esta sombra negra a me seguir de perto,
por onde que que eu vá, por onde quer que eu desça!
E a se mexer no chão, como o desenho incerto
duma caricatura extravagante e espessa...

Muitas vezes, tal qual um corvo do deserto,
alarga a asa, sem luz que agrade ou resplandeça...
E, às vezes, se contrai tanto, que eu fico certo
de estar calcando aos pés minha própria cabeça!...

Não há como fugir, como desvencilhar-me
dessa sombra augural, cheia de estranho alarme,
de não sei que expressão adúltera e nefasta!...

E não finda esta união que me angustia e assombra!...
Quando fujo do sol – minha sombra me arrasta!
Quando persigo o sol – arrasto a minha sombra!

A MORTE DO SOL

Acaba o Sol de ser assassinado!
E, na câmara ardente da Montanha,
seu corpo jaz, molhado de oiro e sangue!...

Vésper, chorosa e santa, colocou
a branca flor de um círio nos seus pés...
O Arroio seguiu atrás do Mar
para participar-lhe a infausta nova...
E nas cartas das Asas Vespertinas
chegam, de toda parte do Infinito,
mensagens de pesar à Terra viúva...
No templo da Floresta as Arapongas
fazem dobrar os sinos a finados...
E os fúnebres Morcegos cortam sombras
para pôr luto nas Palmeiras tristes...

Em homenagem póstuma, profunda,
foi decretada a paz absoluta,
pelo congresso augusto dos Silêncios...

As flores, ao sopé da roxa Serra,
inclinam seus nivosos lacrimários
e choram, pelas pétalas dormentes,
o pranto alabastrino dos Orvalhos...
E do longo turíbulo do Vale
sobe, fluidificando a imensa mágoa,
o incenso litúrgico das Névoas...

CÉU E MAR

MAR! Abençoado Mar, que refletis o Céu!...
Céu! Glorioso Céu, que vos mirais no Mar!...
– Que crime vos alia, em vossa profundeza?
– Oh! golfos abissais, que grande amor vos une?...

Por que vos levantais, ó Mar, em ondas irosas,
quando raiva no Céu o grito das procelas?...
Céu, por que vos baixais para beijar de manso
o repouso do mar sob as névoas marinhas?...
Por que sois sempre assim azul, ó Mar pungente?...
Por que viveis, ó Céu, perpetuamente azul?...

E fico olhando o Céu, e fico olhando o Mar...
No Céu, as brancas asas das gaivotas...
Brancas velas, à flor inquieta do Mar...

Será o Mar um grande Céu desmoronado,
caído sobre a Terra e transformado em água?...
Será o Céu um Mar antigo que se ergueu
sobre algum vagalhão, e ficou preso no ar?...

E fico olhando o Céu e fico olhando o Mar...
E, ao longe, no horizonte, onde os dois se interfundem,
não sei se é o Mar que sobe pelo Céu,
não sei se é o Céu que desce pelo Mar!...

ÚNICA

Em taça de ouro condeno
o vinho e o mel que me dão...
– Mas beberia veneno
na concha de tua mão!...

MUTIRÃO

Veio o Chico Colodino
na sua égua alazã;
a Maria do Plotino,
uma tia e sua irmã...

O Rozendo mais o João,
o Mané e o Capiau,
o Nelo com o violão,
e o José com o berimbau;
mais atrás o Julião,
com suas "testas-de-touro"
na ponta fina dum pau...

Ao lado, o Nego Maneco
o grande corpo sacode,
carregando o reco-reco
e a sanfona "pé-de-bode"...

Lia, irmã de Maricota,
com um lenção sobre a cabeça,
procura dona Carlota,
muito rosada e travessa...

Dona Joana, mal montada
num lerdíssimo jerico,
grita forte e desdentada:
— Isso num vai, Nhonhô Chico?!...

— Ora se vai, dona Joana!...
(Bate o bicho, cospe e xinga,
enquanto dá viva à "cana"
e chupa um gole de pinga...)

— Vamos parar, minha gente!...
(Brada o velho Puxa Faca.)
— O sol tá doido de quente!...
(E a turma, aos poucos, estaca...)

— Vamo esperá, minha gente!...
(Convence o Júlio da Grota.)
— Esse povo anda atrasado...!
— Por onde anda a Maricota...?!
— Cadê o Rui do Anastaço?...
— Eu não vejo o Pedro Mota...
(— Ai, eu morro de cansaço!...)

Vinte a pé, dez a cavalo...
Ou mais – não sei quantos vão...
Tudo alegria e regalo!...
– É dia de Mutirão.

A Lina, lá do Sapé,
cabelo cor de limão,
com uma chinela no pé
e outra chinela na mão,
passando por Barnabé,
diz pra Maria José:
— Vai ser no outro São João...

Pararam todos de novo,
para beber numa grota...
— Cadê o Pedro, meu povo?...
— Onde anda a Maricota?...

Na subida do barranco,
depois da bebida da água,
Lolita levou um tranco,
caiu... E mostrou a anágua...

Todos riram do acidente,
vendo-lhe o róseo joelho,
mas o Raimundo Vicente
foi quem ficou mais vermelho...

A velhota Sinhá Rita,
solteirona sem pigarro,
num salão feito de chita,
fez questão de vir no carro,
pitando, muito contrita,
por seu cachimbo de barro...

Mas, quem mais aparecia
era a Lulu da Arabela,
toda coleante e macia,
com uma sombrinha amarela...

Quase chegando, uma légua,
o Maneco de Alencar
arrancou a "mão-de-égua"
e meteu bala no ar...

Era o aviso... Uns cavaleiros
vieram para encontrá-los,
suarentos e brejeiros,
empinando os seus cavalos...

Chegaram todos, cantando...
Um grupo enorme e bizarro...
A velha Rita pitando
lá em riba do seu carro...

Uns de a pé, outros de arreio,
tudo mundo se ajuntou...
Só Maricota não veio...
E Pedro nunca chegou...

MOLEQUE

Moleque lampeiro do fim de arrabalde,
que fuma, que joga e é mesmo capaz
até de matar...

Moleque vadio que atira pedradas nas casas vizinhas,
que bebe cachaça
e dorme no banco mais duro da praça...

Moleque sem letras, sem dons nem ofício,
que xinga, que briga e vai pra cadeia,
que nasce moleque, que vive moleque, que morre moleque...

Moleque! Moleque, quem foi que te fez
assim tão moleque?...
Moleque na alma, moleque na cara. moleque no jeito,
moleque por fora, moleque por dentro,
moleque completo, moleque perfeito?!...

Talvez tenha sido teu pai um moleque,
talvez tenha sido moleca tua mãe,
jogada no lado letal, infecundo...

– Moleca é esta vida!
– Moleque é este mundo!

Pequenos arbustos icozeiros viventes viçe
do em meados de palmatórias de flores rutí
lantes, davam ao lugar a aparência exata /
de um velho jardim. Capim guiné, conhecido
no sertão como bengo. A escravidão negra /
constituindo-se derivativo ao egoísmo dos
colonos (...) aí negro teve, de pronto, so
bre os ombros toda a pressão da vida colo-
nial (...) besta de carga adstrita aos tra
balhos sem folga. Os sertanejos saem das /
missas consagradas para os ágapes selvagem
dos camdoblés africanos ou poacês do tupi.
As matas floridas de alecrim-de-tabuleiro,
de caules finos e flexíveis. As emburanas
perfumam os ares, filtrando-as na flaci-
dez enfolhadas (...) os mulungus rotundos,
à borda das cacimbas cheias, as caraíbas e
baraúnas altas refrondecem à margem dos ri
beiros refeitos. O umbuzeiro, árvore sagra
da do sertão, desafiando as secas duradou-
ras, representa o meio frizante de adapta-
ção da flora sertaneja. Flora de resitên-
cia rara por ali entremece a trama das /
raízes. Forças que trabalham a terra,

REFÚGIO
Ali estão os nossos mortos
e os mortos dos outros...
Todos reunidos na necrópole,
como num canteiro de mortos...
Os que morreram na hora da morte,
os que morreram na hora da vida...

E no dia dos mortos,
até lá vamos nós,
não porque os mortos estejam sozinhos...

Nós
é que estamos sós.

NATIMORTO
Antes de ver a vida
como ela é,
perdeu a fé...

Confiado no ovo,
adormeceu de novo.

PUDICÍCIA
A Justiça cobriu os olhos
com aquela venda,
em sinal de pudor,
para não ver a venda
e o vendedor.

ALUCINAÇÃO
O pigmeu
acha que é um gigante
que não cresceu...

PERTINÁCIA
O apego à vida é tão forte,
que o morto fecha os olhos
para não ver a morte...

SUBTERFÚGIO
Quem dá aos pobres,
empresta a Deus...
(Algo de muito obscuro!)
– E se Deus logo lhes desse,
não seria mais seguro?...

OPÇÃO
Em vez de histrião, torto e falho,
em meio a homens daninhos,
que tal ser como o espantalho:
– palhaço de passarinhos?

BUQUÊ
Cobriram o anjinho
de rosas ágeis,
de lírios lépidos,
miosótis frágeis,
de cravos tépidos,
boninas de opala...

Mais parecia
um arranjo de flores,
para enfeitar a sala.

SATÂNICA
A Pátria é grande e boa,
merece viva e loa!

É bamba,
é de escol,
é legal!...

– É samba,
é futebol,
é carnaval!

INSENSIBILIDADE
Deitado eternamente em berço esplêndido,
seria uma burrice
(ou muita insônia)
se não dormisse!...

SINETE
Até nas horas de luz,
nossa fatal condição:
– a sombra que o homem produz,
a nódoa do homem, no chão!

ADESTRAMENTO
Dormir é meio-morrer
e desse jeito treinar
para, quando a morte vier,
a gente não se espantar...

Extraído do livro Silhuetas & (In)significâncias, de João Antônio Neto, Fundação Cultural de MT, 1989.

RELÓGIO

O tic-tac do relógio
é a prece do Tempo
e o nosso necrológio...

PANACEIA

Álcool para aquecer,
álcool para esfriar...

Remédio para esquecer,
remédio para lembrar,
remédio para dormir,
remédio para acordar,
remédio para fugir,
remédio para avançar,
remédio para querer,
remédio para odiar,
remédio para sofrer,
remédio para gozar...

Remédio para viver,
remédio para matar! ...

REPULSA

A mão que esbofeteia
a face mais bisonha,
fica vermelha...
de vergonha.

AUTENTICIDADE

A caveira,
desinibida,
ri da comédia da vida...

INEVITAVELMENTE

Inevitável é a morte;
a vida, não;
logo, a morte é a regra
e a vida é a exceção.

LAPSO

O culpado
é Noé – o Patriarca –
– e ninguém mais!
– que devia ter ficado,
e posto na Arca
somente os animais...

PRORROGAÇÃO

A água que mata a sede
nesse deserto
de areia escura,
não é a água que se encontra,
– é a que se procura...

PRODIGALIDADE

A magnânima Lua
esbanja tanta luz, quando está cheia!...
Só porque a luz não é sua,
só porque a luz é alheia...

PERPLEXIDADE

A borboleta pousou
levemente
sobre a flor,
como joia no engaste...
– E agora não sei
quem saiu pelo ar
e quem ficou na haste...

PARTO

Foi tanto o esforço do botão
para se abrir em flor
no jovem galho,
que ainda de manhã
suava orvalho...

ASCENSÃO

Subindo pelo tronco,
a trepadeira impávida
grudou-se à casca,
galgou os ramos,
transpôs os nós...

E lá na copa,
íngreme e alta,
como bandeira de triunfador,
desfralda a flor!...

IMUTALIDADE

Mesmo feita de ouro,
a algema é grilhão...
Nem por ser de seda,
deixa o casulo
de ser prisão.

ESTIGMA

Se o sândalo perfuma
o machado que o fere,
também deixa
na lâmina denegrida
a mácula do golpe
e a nódoa da ferida.

VÁCUO

Oco,
imóvel,
frio...
Cheio de vazio...

RECEITA

Para pôr fim à aflição
e retomar a doce calma,
só uma pequena alteração:
– arma, por alma.

I.R.

O Leão pôs a mesa,
para jantar a presa...
Mas quem almoça o manjar
e lambe os pratos
são os ratos...

DESVANTAGEM

O que se tem visto
é quase sempre isto,
com poucas variações:
– para cada Jesus Cristo,
no mínimo dois ladrões.

ARITMÉTICA

O amor tem três operações:
somar,
multiplicar
e dividir.

O ódio tem uma só:
– subtrair.

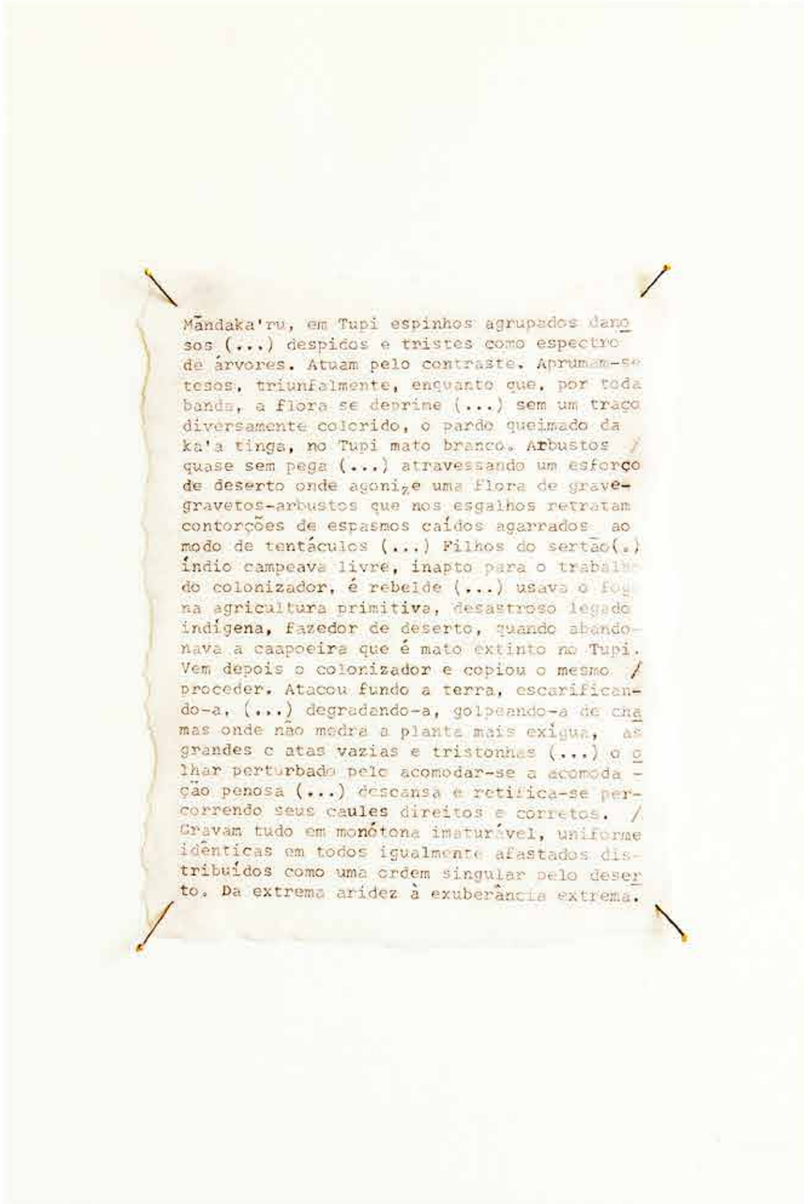
ANTÍPODAS

O homem rouba,
para fazer o mal.

A abelha rouba,
para fazer o mel.

DESCUIDO

A cabeça guardou a ideia
numa caverna de osso,
grosso,
bem fechada,
trancada,
lacrada,
para ninguém perceber...
– Mas esqueceu de fechar a boca...
E pôs tudo a perder...



Mãndaka'ru, em Tupi espinhos agrupados danosos (...) despidos e tristes como espectro de árvores. Atuam pelo contraste. Apruman-se tesos, triunfalmente, enquanto que, por toda banda, a flora se deprime (...) sem um traço diversamente colorido, o pardo queimado da ka'a tinga, no Tupi mato branco. Arbustos / quase sem pega (...) atravessando um esforço de deserto onde agoniz,e uma flora de grave-gravetos-arbustos que nos esgalhos retratam contorções de espasmos caídos agarrados ao modo de tentáculos (...) Filhos do sertão(.) índio campeava livre, inapto para o trabalho do colonizador, é rebelde (...) usava o fogo na agricultura primitiva, desastroso legado indígena, fazedor de deserto, quando abandonava a caapoeira que é mato extinto no Tupi. Vem depois o colonizador e copiou o mesmo / proceder. Atacou fundo a terra, escarificando-a, (...) degradando-a, golpeando-a de chamas onde não medra a planta mais exígua, as grandes c atas vazias e tristonhas (...) o olhar perturbado pelo acomodar-se a acomodação penosa (...) descansa e retifica-se percorrendo seus caules direitos e corretos. / Gravam tudo em monótona imaturável, uniforme idênticas em todos igualmente afastados distribuídos como uma ordem singular pelo deserto. Da extrema aridez à exuberância extrema.

IMPRUDÊNCIA

Meu prezado José,

Aqui cheguei ontem e já iniciei a medição das terras. O trabalho é fácil, pois se trata de cerrado plano, com pequenas fatias de mato alto a cercar cabeceiras de águas muito saborosas. Chove quase todos os dias, e venta muito. À tarde, há sempre, para ver, enorme e vívido arco-íris, o qual se diria feito tinta fresca, cintilante... Jamais contemplei coisa igual! De tão rútilo, parece palpável. Tenho a impressão de que, se fosse possível alcançá-lo, sentir-se-ia seu peso e a densidade das partículas da sua luz...

João

***

Meu prezado José,

...Anteontem passou por aqui uma vara de queixadas; matamos dois, enormes; a carne, assada, cheira a mais de mil metros; uma delícia!... Lamento não poderes vir, como estava combinado – pois encontrarias excelentes derivativos, inclusive o espetáculo do arco-íris que, conforme já te disse, é extraordinário e magnífico!

João

***

...Sim. Já conhecia a crendice popular, segundo a qual o arco-íris, quando naquela posição, está bebendo em algum rio – e que se a gente tentar atravessá-lo e for por ele também bebido, sairá, do outro lado, com o sexo trocado... (Até quando a estupidez humana continuará estragando as delícias da Ciência?...). Mas, por via das dúvidas, vou ver se alcanço o arco-íris e experimentar se ele me "bebe" – pois, embora esteja muito feliz como homem, de voz grossa e outros atributos masculinos, poderia (quem sabe?), como castigo, pela verificação, sair do outro lado do arco de minissaia, voz fina e tudo trocado, pelo avesso...

João

***

Meu prezado José,

Interrompi a medição... Fiz a experiência...

Joana

POLIEDRO

– Decerto, há uma grande variedade
de seres; mas, no fundo, o que existe mesmo é uma enorme unidade de tudo,
no sofrimento e na glória!

SORTUDO

Velho, feio e doente, sob um sol de fundir diamante!
Dor de dentes incômoda e fome devastadora. Sede medonha!
A sola dos pés escalavrada pelos pedregulhos e espinhos. O único olho, ardendo pela constante perda de sono.
Nem um cruzeirinho no bolso. O "bucho", pendurado às costas doloridas, mal podendo suportar a pressão da alça. E a subida, por onde iam os meandros do caminho, sem querer terminar! Só o capim rasteiro do cerrado comburido! As árvores desnudas pelo fogo da queimada!

***

Não suporta mais! Deixa-se, então, sentar à beira da estrada... De repente, salta! "— Ai!" — Um enorme formigão lhe ferroara o dedão do pé. Procura uma folhita verde, para mastigá-la e fazer um meizinha do sumo. Acha-a, tritura-a... Mas um ardor infernal lhe rói a língua, os lábios... Parecia fogo... Era uma erva daninha!

***

Finalmente, coxeando – a picada lhe provocara uma dolorosa íngua – divisa um córrego... "— Água! Thalassa! Thalassa!". Arrasta-se... Mas, acima do filete d'água está uma vaca imensa, morta, podre. Vai mais para o alto e é quando, emergindo da "pindaíba", aparece uma vara de queixadas, matraqueando. Arrasta-se de novo, alcança uma árvore e ainda pode subir. Encolhe-se todo e deixa a manada passar, estalando, furiosa, fedendo.

***

E é logo que vê, suspirando, aliviado, um Jipe que se aproxima, em disparada...
Enfim, eis a salvação!
Para o veículo, confundido com a poeira vermelha... E vem, lá de dentro, uma voz molenga:
— Peguemo o cabra! Teja preso, ladrão!

CALUNIADO

O tordo – trucila.
O macaco – guincha.
O leitão – bocareja.
A abelha – zumba.
A cigarra – fretine.
O camelo – blatera.
O galo – cucurita.
O grito – guizalha.
A rã – tintingalha.
O grou – grugruja.
O papagaio – grazina.
O cavalo – trine.
O gato – resbuna.
O cisne – arensa.
A ovelha – barreja.
A cegonha – glotera.
A andorinha – grinfa.
O jumento – rebusna.
O gafanhoto – chirria...

***

E o coitado do Homem, a quem chamam de complicado, modestissimamente, apenas – FA-LA!

MACRO... MICRO...

– Ora... Tanto faz ser grande como
ser pequeno! Aquela estrela pequenina,

lá no fundo, não é maior do que a Terra?

O SÁBIO

Era uma vez um Sábio, muitíssimo velho...
Também muitíssimo diferente, pois não usava barbas longas nem óculos de lentes ovais nem carapuça, como Paracelso...
Era um Sábio sobremodo estranho.
Tudo havia descoberto, desde o próvido amor que se associara à fastidiosa opulência de Deus, até a inculpável resignação insigne dos caracóis... Conhecia todas as linguagens que não dizem nada e os mutismos que recolheram a hermenêutica de todas as palavras...
Descera até onde os capilares da Vida vertem a linfa das continuidades... Entendia as montanhas e até a dor sanguínea dos corais... Abrira a cornucópia dos Sonhos e surpreendera as vontades da Indiferença e os abandonos da Esperança...
O próprio conluio das constelações e das nebulosas fora atravessado pelo dardo da sua penetração.
Era senhor dos territórios da Luz, e os seus pés fervilhavam em todos os pegos e litorais.
Às vezes, ficava taciturno, preso ao fio das horas, nadando no silêncio inconsútil, enquanto a noite punha estrelas nos farrapos das nuvens...

***

E aconteceu que um dia perguntaram àquele que sabia tanto:
— Que mais falta para saberes, Ó Mago?
E ele, tristemente:
— Não sei...

SELENE

A Lua é muito autêntica: inteiramente lunar...
Nossa Terra é um verdadeiro poliedro: tem mar, tem animal, tem planta e água e vento e até céu...
De cada coisa, a Terra ostenta ou insinua um pedaço, um vestígio... Ângulos de esperanças, contornos de penhas e girassóis, realidades sombrias, subúrbios de sonhos, celas de frades e de ladrões, alcouces fervilhantes e basílicas cheias de beatitudes...
A Terra é um turbilhão, até na morte, na mansidão até...
A Lua, não. A Lua é uniforme, simples, nua, quase incólume, como as coisas que devem ser sós, longes, misteriosas – desse mistério que apenas olhos devem tocar, sem mãos que profanem ou ouvidos o percebam e entendam...

***

Desci exatamente sobre o *Mare Imbrium*, um pouco a leste da Montanha de Arquimedes.
Primeira sensação agradável: a liberdade! Parecia que eu me tornara um passarinho; qualquer movimento era tão fácil, que eu tinha a impressão de que ia desintegrar-se, e fundir-me, panteisticamente, na brancura silenciosa do horizonte limitado...
Nenhum rumor. Mal sentia a respiração da minha alma, transbordando das rendas dos meus nervos. O olhar fluía em torno, preso duma doçura plástica, ondulante, até se perder pelos planos e picos estáticos e nítidos. Uma sensação de honestidade essencial dir-se-ia pulsar na poeira que se abria a meus pés – poeira que semelhava um talco de pérolas.
E, quando percebi que nem monologar podia, então meu arrebatamento chegou ao máximo! Perdera essa condição lastimável, própria da Terra, onde o contato é o fio umbilical da vida e a consciência dolorosa e dramática das inquietações patéticas e inúteis.

***

Mare Serenitatis, *Mare Tranquilitatis*, *Mare Nectaris*, *Mare Foecunditatis*! São nomes de ladainha!... E, se há *Mare Frigoris* ou *Oceanus Procellarum*, não senti nem frios nem procelas.
Tudo é plumoso nesta Rainha do Silêncio – ou melhor, nesta transparente bolha de espuma cósmica.
Daria o maior e o melhor, para não voltar.
Mas era forçoso cumprir o destino melancólico de satisfazer ao resto dos dias, em cima da mumificada carcaça da Terra inevitável.
Finalmente, tive a tristeza de não encontrar São Jorge... Mas, em compensação, não encontrei o Homem.

OPULÊNCIA

— Dai-me uma esmola, pelo vosso amor!
O mendigo pedia assim...
Velho e estriado pelo tempo, parecia um pássaro mal empenado, com aqueles molambos sobre o esqueleto velho e desarrumado...
— Dai-me uma esmola, pelo vosso amor!
Estendia a mão igual a um galho seco e retorcido, onde já não pousavam cigarras nem floriam *giestas*...
Os olhos amassados pelo pisotear dos dias e das noites, batendo no chão o cajado de bambu – o báculo do pobre – ia o mendigo, sem uma véspera salvadora, sujeito ao faro imperceptível da curiosidade...
— Dai-me uma esmola, pelo vosso amor!
E, de quando em quando, caía-lhe sobre a palma côncava o óbolo miserável – a dívida que prova a distância enorme em que estamos do nosso próximo.
— Dai-me uma esmola, pelo vosso amor!

***

Estranharam a rogativa insólita do mendigo...
— Por que não pedes PELO AMOR DE DEUS?!
E ele:
— Deus já me deu sua esmola: a Vida.

TERRA E MAR

A Terra se oferece e se dá – O Mar se retrai e se recusa. A Terra exorta para a vida – o Mar convida para a morte. A Terra é feita para os encontros – o Mar para as dispersões. A Terra é franca e leal – o Mar é obscuro e pérfido. A Terra nos oferta a paisagem real – o Mar nos mostra apenas o reflexo dos panoramas.
Se o Mar tem pérolas e corais – esconde-os. Se a Terra tem flores e pássaros – doa-os. O Mar é avaro – a Terra é generosa e pública. A Terra é multivária e nunca se fatiga de transmutar-se para o nosso conforto e o nosso êxtase. O Mar não se renova – repete-se, para a nossa fadiga.
O Mar só tem gosto de sal – a Terra tem gosto de mel, de leite, de vinho. A voz do Mar apenas se altera entre os gritos da fúria e o murmurinho exausto do insondável. A Terra trila e trina, gargalha e fala e, se às vezes chora, quase sempre sorri.
O Mar é masculino: certo da força.
A Terra é feminina: convencida do poder.
O Mar se confunde com o céu, e nunca sabemos o que virá depois.
A Terra, não! Além do círculo onde se une ao azul, haverá sempre uma lareira, a bênção da nossa mãe, um copo d'água e os braços abertos do amor que nos espera!

SONHO

Nada chegou ao que é, sem ter passado pelo Sonho!
Se a Verdade é a árvore – o Sonho é a semente.
Se a Verdade é o dia – o Sonho é o alvorecer.
O que hoje é real e fora outrora ignorado, veio do Sonho, que é a fonte de tudo que foi realizado, porque não existia.
Sonha, pois, meu amigo, e não dês ouvidos aos que zombam dos sonhadores!
Os castelos de pedra são modelados pelos castelos de sonho.
Não há uma só beleza acabada sem sua anterrealização num grande sonho.
Todos os sonhos são proféticos: falam do que há de vir, antes de vê-lo.
O sonho é um advento incorpóreo.
O sonho fez a essência, antes da forma.
Criado no fundo imanifesto das imagens vagas, é prodigioso que haja o sonho engendrado todas as grandezas do mundo, todos os milagres das meditações infinitas!
O sonho é a liberação total!
Se não sonhássemos, não veríamos nunca outro horizonte, além deste que nos fecha dentro do mundo, roubando-nos alturas e negando-nos espaço.
É o sonho que nos leva a ver o que somos, além do que temos!
Há muitíssimos séculos, o homem sonha... E o sonho nunca se esgotou no seu manancial inexaurível!
Semper florens!
Ah, com certeza, no fundo de tudo, não há mais do que sonho, um grande e maravilhoso sonho!
O sonho do bem, o sonho da virtude, o sonho do amor, o sonho da vida!
Bem-aventurados os que sonham! Que o sonho é a única forma legítima de ser Deus!

Textos extraídos do livro Poliedro, de João Antônio Neto, Ed. Rio Bonito, 1970.

TUÍ

Tuí nasceu numa noite tempestuosa de sábado.
Não se sabe, precisamente, a que hora veio à luz.
Não era bem casa, o lugar onde Tuí nasceu; um simples galpão de zinco, todo esburacado, de forma que a mamãe Adélia não sabia como abrigar o pobre recém-nascido.
O coitado grunhia, enrolando-se todo, como se estivesse com dor de barriga; mas era fome. Tuí já nascera faminto.
Particularmente interessante é que Tuí, como todos os filhos sem pai (Tuí jamais saberia quem fora seu pai), não teve assistência outra, senão o acaso feliz de sua própria mãe ser parteira.
Desproteção completa! Mas, como Tuí era viável, conseguiu resistir aos primeiros embates da vida, uma vez que (outra circunstância também particularmente notável) mais dois irmãozinhos de Tuí (tinham nascido três) morreram logo após o parto.
O certo é que na manhã de domingo havia mais um ser bulindo sobre a Terra...

***

Ao lado do galpão de zinco morava o Dr., e os meninos da casa próspera se interessaram, como era natural, pelo pequerrucho. Tuí, por outro lado, tinha ótimo acabamento. Possuía um narizinho róseo. Não mostrava manchas violáceas pelo corpo e seus berrinhos não incomodavam. Os pezitos, também róseos. Bem alvinho de corpo. Quando segurava, com a boquita úmida, o peito da mamãe Adélia, era de se admirar sua graça! Roncava, fungava, de delícia.
Os meninos do Dr. queriam pegá-lo, mas mamãe Adélia não consentia nisso. Tuí estava muito novinho.

***

Correram dias. O Dr. resolveu encarregar-se da criação e educação de Tuí. Tuí, por sinal, era mimado. Todos gostavam dele. O certo ainda é que mamãe Adélia, vagabunda e descarada, entregou duma vez o filho e sumiu no mundo, em busca de suas costumeiras aventuras.
Tuí crescia. Já sabia exprimir-se através de sua própria muito compreensível linguagem. De quando em quando D. Múcia, a mulher do Dr., punha-o ao colo e o afagava, enquanto ele agitava as débeis mãozinhas.
Foi ficando taludo. Andava pela casa toda. Mexia em tudo. Era duma peraltice tremenda. Os meninos do Dr. é que gostavam daquilo. Não podiam prescindir de Tuí. Deu ele – por essa altura – de escapulir para a rua. Como no bairro ficava uma grande fábrica, todos os operários passaram a conhecer Tuí. Meio mundo tinha carinhos para o afortunado enjeitadinho. Até uma corrente de prata, com uma figa vermelha, lhe puseram no pescoço.

***

Tuí era realmente feliz.
Mas, um dia, Tuí brincava à frente da casa, que dava para a rua de trânsito intenso.
O inevitável aconteceu. A bola rolou para o meio da rua, Tuí correu para alcançá-la. Vinha o monstruoso Fenemê, em disparada, e uma das suas rodas hediondas colheu a indefesa criaturinha!
A morte do cachorrinho comoveu todo o bairro...

O VELHINHO E A MORTE

Com o feixe de lenha às costas, o velhinho, outonal, ia...
A estrada era pedra. O sol fervia no ar. As árvores pelada estavam mudas, com os galhos retorcidos num gesto inútil de agressividade anêmica.
O velhinho arquejava como fole furado. Caiu a primeira vez, caiu a segunda vez, outra vez, mais adiante.
Cada queda era uma sangria em sua força caduca. O suor lhe escorria do corpo todo, como se ele fosse um molambo que se torcesse.

***

Depois da quinta queda, quase já não se pôde erguer... O molho de lenha jazeu ao lado, abandonado. O velhinho inda tentou erguê-lo, mas foi debalde!
Desesperado, então, rogou:
— Morte! Oh Morte bendita! Tu que és a última porta de quem não tem mais saída, vem a mim! Abre-me os teus braços! Leva-me contigo, ó Morte! Não quero mais viver! Acaba com este martírio! Já estou exausto! São setenta anos! Chega! Leva-me, ó Morte!

***

— Aqui estou, meu amigo!
E o velhinho viu a Morte ali à sua frente, muito viva e patente, sorrindo através da arquitetura irregular da cara enorme e branca. Sua voz tinha o som feio que o vento faz quando sopra pelas solapas escuras; uma aura glacial exalava da sua presença metuenda.
O velhinho estremeceu.
E a Morte:
— Anda! Para que me queres?
E ele, baixando o rosto e mandando-lhe um olhar transversal:
— Cha... cha... chamei-te...
— Vamos! — disse a libitina.
Chamei-te para saber se tua sentença é irrevogável, se a tua palavra é como a do rei que não volta atrás. Se, ao decidires, está decidido...
— E duvidas?
— Eu? Ora, quem sou eu, dona Morte, para duvidar de ti? — e o velhinho abrandara o tom, tornara a voz macia e manhosa.
— Pois é assim — falou a Parca, peremptória —, o que digo está dito! O que decido está decidido!
— Então, minha amiga, quero que me prometas uma coisinha... Uma coisinha muito insignificante, antes que eu me entregue inteiramente a ti.
— E é possível, o que me pedes?
— Ora, sim! É!
— Pois, então, está prometido!
— Assim sendo — disse o velhinho —, quero que me dês mais vinte anos de vida.

***

E o velhinho pegou, muito lépido, sua lenha, e se foi, assobiando...

O HERÓI

A noite era tão fria que o próprio vento tiritava.
Totô, o mendigo, fora colhido de surpresa. Parecia-lhe a roupa uma tapera de pano, mostrando as caretas dos remendos e buracos...
Tempo selvagem! Nem um pouquinho de compaixão pelos seres e coisas agarrados pela desfortuna dos dias e das noites!
O céu, embuçado como um bandido, não parava de soltar aquele hálito gelado, cortante.
O mendigo, todo encurvado, abraçava-se a si mesmo, encaracolava-se, tentando diminuir-se e dar menos campo aos açoites do tempo.
A rua era negra. A cidade toda uma furna preta, pois a própria luz elétrica estava em pane, e as casas inteiramente fechadas.
Ninguém pelas calçadas. Somente Totô, o mendigo – e, com ele, aquela alma doída, sem rumo, como se todo o bem-querer do mundo o repelisse ou ignorasse!

***

E foi naquele momento que uma rajada mais impiedosa o alcançou em cheio. Totô, o mendigo, buscou uma parede ao lado, encostou-se rapidamente e... Tra! Era uma porta, que alguém deixara mal fechada. E Totô se viu caído de costas, dentro de um aposento ainda mais tenebroso do que a noite lá fora...
Levantou-se com dificuldade, tateou. Havia por ali alguma coisa parecida com móveis, prateleiras. Apalpou.
— Panos! Panos! — foi o solilóquio do mendigo.

***

E houve, então, o barulho de uma porta que se abria em outro lugar do prédio. Uma luz de vela clareou lá no fundo...
Totô, o mendigo, pensou ligeiro:
— É alguém! Serei tomado por um salteador! Além de mendigo, ladrão?! Que seja!
Agarrou aquela coisa que parecia uma coberta, aquele grande rolo de pano, pô-lo debaixo do braço e saiu para as trevas, deixando a escola (pois era uma escola o lugar onde esteve Totô, o mendigo).

***

Correu, cambaleante. Aumentara o vento. O frio parecia ainda maior. Sentiu, por fim, que chegara à Praça da cidade. Já era sua conhecida. Procurou, quase pelo faro, um daqueles bancos amigos, debaixo de uma sibipiruna copada. Ajeitou-se, cobriu-se, embrulhou-se dos pés à cabeça com aquele pano...
E como era quente! Num instante, um calor gostoso inundou-lhe as carnes. Jamais tivera um cobertor mais impermeável às intempéries! Dir-se-ia um banho morno de licor de rosas.
E ele pensou:
“Quantos ricos, neste mundo, desejariam morrer embrulhados num cobertor assim!”.
Quando, pela manhã, o guarda viu aquela coisa, ficou passado de susto.
Que seria aquilo? Aproximou-se, cautelosamente... E, ao puxar a ponta daquele pano, lá estava Totô, o mendigo, morto, encolhidinho como um feto, com um sorriso divino colado no beiço roxo – puro herói da desventura – entre as dobras da Bandeira Nacional!

Mari Gemma De La Cruz

É artista visual desde 2013 quando, aos 50 anos, inicia como autodidata na fotografia autoral e na arte contemporânea. Nasceu em Porto Alegre (RS), em 1962 e vive em Cuiabá, Centro Geodésico e coração da América do Sul há cerca de 30 anos. Lá desenvolveu um olhar que define ser "socioambientalespiritual". Antes disso, foi farmacêutica/servidora pública e professora/pesquisadora, sendo Mestre em Saúde e Ambiente com especializações em Plantas Medicinais, Homeopatia, Acupuntura, Educação Ambiental e Gestão Farmacêutica. A partir de 2017 que iniciou a realizar cursos com a fotógrafa/artista Jacqueline Hoofendy (RJ) e com o fotógrafo/artista em novas mídias canadense Scott MacLeay (2018), que se desencadeou seu processo de produção único e, como ela mesma define, "alquímico", hibridizando e transbordando a imagem para estabelecer múltiplas conexões. Algo bem significativo para uma farmacêutica que se tornou imagética. Premiada na convocatória Floripa na Foto/19, no Prêmio Urbs Brasil/16. Concurso Nacional Novos Fotógrafos. Obra selecionada: "Mobilidade Urbana IV" da série '(In)Divisível', 2º Lugar na Maratona Fotográfica 2015. Cuiabá. Obras: 'Mobilidade Urbana I, II e III'.

ALGUMAS EXPOSIÇÕES

Convocatória "Universo Feminino -Singular e Plural". Camaçari. Obra: Eu não pedi isso. Convocatória Floripa na Foto – Vestiremos as cores que quisermos. Florianópolis. Obras: Ensaio Peito de Pedra. Convocatória Foto Sururu. Maceió – Vestiremos as cores que quisermos. Obras: Ensaio Peito de Pedra. Exposição Maratona Fotográfica Cuiabá. Espaço Centro Cultural Silva Freire - Edição Cuiabá 300 anos. Obra: Curueiro e Siririeira da Série Movimento. 'Precisamos falar sobre isso'. Exposição coletiva Museu de Arte e de Cultura Popular, temática 'Setembro Amarelo', UFMT. Convocatória Festival de Fotografia de Paranapiacicaba. Obra:Polípticos da série 'Brasil que eu quero'. Convocatória Internacional FestFoto Bolívia. Obra: Série 'Movimento'. Convocatória FotoRio Resiste - Fotografia + Cidadania. Lambe exposto na Rua da Ajuda Rio de Janeiro/RJ. Obra selecionada: 'Respeito e Igualdade', da série 'Brasil que eu quero'. Convocatória Transformar o Silêncio - Fotógrafas Brasileiras. Obra selecionada: 'Grilhões', autorretrato do ensaio 'Mãe d'água'. Feira Cavalete #8. Obras: 'Vaqueiro' e 'Mandacaru' , da série 'Os Sertões'. 2018. MIS/SP. Convocatória 'Avis Anima' INTERFOTO 2018 (Avistar). Obra: 'Aves d'água', autorretrato do ensaio 'Mãe d'água'. Convocatória Internacional do Paraty em Foco. Ensaio 'Ser Tão Gente'. Autorretrato. Paraty/RJ. Concurso de Fotografia, 7º e Concurso de Audiovisual do SOS Ação Mulher e Família, 1º. Campinas/SP. Obra: 'Não sou fruta #3'. Autorretrato. Convocatória FestFoto Internacional Porto Alegre. Finalista. Ensaio 'Palavras são luvas que vestem pensamentos'. Autorretrato. Porto Alegre/RS. Convocatória do Sertão com o ensaio 'Ser Tão Gente'. Autorretrato. Feira de Santana/BH. Territórios da Arte - Interculturalidades. Exposição Fotográfica Coletiva. Centro de Artes da UFF. Obras selecionadas: série parcial da 'Cartografia Silvafreireana" . Niterói/RJ. Convocatória internacional do Paraty em Foco. Pré-selecionada com o Ensaio 'Palavras são luvas que vestem pensamentos'. Autorretrato. Exposição "1ª Pessoa do Singular" em Paraty em Foco - Fotógrafas Brasileiras. Obra selecionada: 'Caroba' da série 'Mulher Planta'. Projeção em mídia e Painel. Exposição Coletiva ArtShop. Fotos integrantes da exposição 'Cartografia Silvafreireana' Cuiabá. Shopping Goiabeiras. Exposição 'Olhar Cuiabá - Cartografia Silvafreireana'. Setembro a novembro de 2016. Cuiabá, Cáceres e Rondonópolis. Mostra fotografia e instalação. Circula-Artes Visuais 2015/SEC-MT. Salão Jovem Arte Mato-grossense, 25º. Fotografia. Obras: '(In)Comunicável I,II e III', da série '(In)Divisível'. Intercâmbio Internacional de Miniarte Moda, 24º e 25º. Foto-Poesia-Xilogravura - 'A Flor da Pele - Caroba', Gramado, RS. Exposição Coletiva Maratona Fotográfica. Edição Cuiabá Criativa. Obras: 'Sebastião Silva e José Pereira', da série '(In)Divisível'. Cuiabá. Exposição Fotográfica Coletiva Um Olhar Sobre Cuiabá. Sesc Casa do Artesão. Trabalhos: 'Camadas Temporais II; Cores e Sabores I; Cores e Sabores IV; Movimentos III; Movimentos IV; São Jerônimo', da série 'Coisas da terra que escolhi'.

- Exposição Fotográfica Coletiva Virtual Em Lugar Nenhum - Em Todo Lugar, Prêmio Funarte Mulheres nas Artes Visuais--Galeria Virtual. Trabalhos: Índio Aranha; O mar é mais azul na América do Sul. Exposição coletiva - Kuyaverá. 1ª Maratona Fotográfica. Museu da Caixa d'Água. Cuiabá. Trabalhos: 'Revisitando Cuiabá 1910/2013' da série Revisitando Cuiabá e 'Azuis' da série 'Coisas de Cuiabá'. Mostra de Arte Contemporânea de Artistas Mato-Grossenses. Categoria Objeto/ Fotografia Híbrida e Poesia sobre o Suporte de Madeira). Obra: Procura-se.

SELEÇÃO EM EDITAIS

- Projeto "Porto Kyvaverá – Cartografia de um território marginal". Resolução 01/2019 SMCE/CMC/CUIABÁ para o seguimento de artes visuais.
- Projeto 'Olhar Cuiabá - Cartografia Silvafreireana' - Edital nº 006/2015/CEC/SECEL-MT, para a seleção de projetos de circulação de 'Circula Artes Visuais/MT'. Mostra itinerante em 3 cidades mato-grossenses.
- Projeto 'Jardim da Vida - A Arte do Curar do Cerrado' - Edital para Exposições 2016/2017 Artes Visuais - Sesc Casa do Artesão.

ALGUMAS PUBLICAÇÕES DA ARTISTA

- DE LA CRUZ, M. G. "Fotografia em campo expandido – a palavra como parte da materialidade da obras". Anais do I Congresso Poéticas da Proximidade. Cuiabá. 2019. pp 166-179.
- Antologia Fotográfica, Prêmio Urbs Brasil 2016. Ed: Vivara. Fotografia. Obra selecionada: 'Mobilidade Urbana IV'.

Larissa Silva Freire Spinelli
É Doutora em Estudos Interdisciplinares de Cultura (UFMT/FCA/ECCO), Diretora da Casa de Cultura Silva Freire e Docente no UNIVAG – Centro Universitário de Várzea Grande.

A CARTOGRAFIA SILVAFREIREANA DE MARI GEMMA

O encontro do olhar da artista visual Mari Gemma De La Cruz com o do poeta Silva Freire nas imagens-poemas que ilustram esta edição da Revista Pixé, aguçam múltiplos e inusitados sentidos e sensações neste setembro (freire) tricentenário.

Revisitar as fotografias apresentadas durante a exposição *Olhar Cuiabá – Cartografia Silvafreireana* baseada na obra *Trilogia Cuiabana*, volume 1, *(Presença na Audiência do tempo) Tempo de Histórias & Espaços Cotidianos,* nos leva a apreender duas narrativas que se entrecruzam no tempo-espaço, uma pela linguagem literária e outra pela fotográfica, imprimindo um sentido contemporâneo ao instigar o leitor a pensar a cidade de Cuiabá em meio aos seus trezentos anos.

A relação dos escritores com suas cidades são tramadas na circulação entre o histórico, social, cultural, concreto e uma imaginação poética, criativa e inventiva, imaginativa. Poesia e cidade tornam-se assim uma coisa só. "Silva Freire é um poeta da cidade. Poeta-poética de *sua* cidade, de *seu* espaço‹‹--››cidade‹‹--››Cuiabá. PoetiCidade", como o descrevem Leite & Spinelli (2018, p.125).

Gemma parece transitar, no início do século XXI, pelos becos, ruas, ruelas e avenidas percorridas pelo poeta desde sua infância até a última década do século XX, em que sentiu e pressentiu o "crescimento" da cidade, mas sem deixar de lado o seu compromisso com o "telúrico" e a "herança atávica". Vez em quando, temos a impressão de que ambos, com seus corpos em movimento pela cidade, se encontram pessoalmente, na Rua de Cima, bem na esquina de Dona Janoca (casa materna de Silva Freire), no Centro Histórico para registrar, inventar, imaginar a cidade.

Na *Trilogia Cuiabana* o poeta e a cidade se fundem em um trabalho poético-amoroso-etnográfico de vinte anos de elaboração, resultando na sensação de "cuiabania", descrita por ele como um "charivari-de-maçaroca-poética", "sensação indizível" (efeito sensorial, não percepção racional, aesthesis decolonial). Uma explosão em seu anseio de dar um lugar para as múltiplas vozes que compõem a "cuiabania" no esforço de tirá-las do silêncio, da subalternização, do abandono mediante a cidade que se moderniza. "Documento poético" da realidade cuiabana como sugeriu Magalhães (2001).

Por sua vez, a cartografia afetiva de Mari Gemma retira do texto silvafreireano imagens-sensações de cuiabania, perceptos da cidade, provocando o estranhamento do observador ao desconstruir cenas cotidianas em seus fragmentos visuais que borram a figuração e os clichês, mas deixando ver sua crítica cultural na medida em que apresenta forças ao invés de representar formas.

Nas suas experimentações, a deformação, a multiplicação e a imprecisão da imagem refletida em estilhaços de espelhos e captada pela lente, dão lugar a uma ficção documental do cotidiano urbano onde se dilui os signos da tradição e da modernidade em diálogo com os fragmentos poéticos silvafreireanos.

Ao explorar a palavra-tema produz, simultaneamente, desfocagem e repetição, que desviam o significado e o olhar do espectador realçando denúncias acerca de questões sociais, culturais, políticas, ambientais, urbanas. Nota-se o descaso com o Centro Histórico na imagem do Beco Torto, "esgualepado" e "descascados pelo tempo"; o esquecimento das brincadeiras infantis tradicionais na imagem de um menino negro segurando a pandorga quase imperceptível; a corrupção cravada pelo Minhocão do Pari que se revolta em pleno viaduto do que seria a trilha do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) ou com a poluição do rio e ainda violência urbana numa referencia aos crimes que atingem crianças e adolescentes.

De modo intrigante e intensivista, onde "além da imagem está outro significado poético", o leitor se depara com imagens--textos-cidade resultantes da indignação, da resistência, do (des)cobrimento das pulsões soterradas pela modernidade/colonialidade que atinge o processo cultural e histórico cuiabano e o desenvolvimento urbano da cidade, convidando ao OLHAR CUIABÁ em tempos contemporâneos.

Divanize Carbonieri
É doutora em letras e professora de literaturas de língua na Universidade Federal de Mato Grosso. É autora de Grande depósito de bugigangas (2018), selecionado no Edital de Fomento à Cultura de Cuiabá, e Entraves (2017), agraciado com o Prêmio Mato Grosso de Literatura. Foi finalista do Prêmio Off Flip 2018 (Poesia) e do 3o Concurso Lamparina Mágica (2016).

O CONCRETO E O EVANESCENTE EM MARI GEMMA DE LA CRUZ

Mari Gemma De La Cruz é dessas artistas completas, que aliam experimentação estética com reflexão filosófica e (bio) política. Seus ensaios fotográficos não são apenas registros imagéticos de grande beleza. Eles também exprimem os questionamentos existenciais, sociais e ambientais de uma consciência incansável diante da realidade cambiante e caótica de nossos tempos. Nesse cenário, em que tudo se desmancha no ar, o que pode permanecer como gesto, visualidade e pensamento? É justamente no limite entre materialização e desaparecimento que se formam os verdadeiros manifestos assinados por ela e que dão vida à Pixé deste mês.

A problemática de gênero é uma das preocupações mais constantes de De La Cruz. Ao mesmo tempo em que são apresentadas cristalizações históricas em torno do corpo e do comportamento da mulher, como no ensaio “Peito de pedra”, também se maneja a dissolução de estereótipos femininos e masculinos, característica da revolução das identidades de gênero que invade a contemporaneidade. Na série “Movimento”, personagens dos grupos tradicionais de siriri e cururu são retratados de uma forma que vai além da celebração de sua indumentária e caracterização. Se, como acontece com a maioria das danças típicas regionais, tais ritmos mato-grossenses se baseiam em papéis bastante dessemelhantes para homens e mulheres, o olhar de De La Cruz opera na desconstrução dessa diferença bem marcada. Recortes e recombinações de fragmentos de imagem produzem ícones que subvertem a estabilidade do gênero, configurando um movimento que, mais do que os volteios da dança, sugere o trânsito das performances identitárias atuais.

Mesmo em “Peito de pedra”, que tem como substrato esculturas em pedra de figuras femininas, calcadas no ideal de beleza clássica do Renascimento, a rigidez pétrea é quebrada por meio do uso de reflexos em fragmentos de espelhos. Mais uma vez o paradoxo entre solidificação e diluição surge na poética de De La Cruz, borrando os contornos que a padronização do belo impõe, sobretudo às formas femininas, mas também às obras de arte. Ainda nesse processo de estilhaçamento, autorretratos e retratos de outras mulheres se dissolvem por meio da técnica da longa exposição, o que permite que corpos de carne e osso, de existência tão concreta quanto as estátuas, pareçam também diáfanos e impermanentes, em consonância com a fragmentação das subjetividades que ocupam tais corpos. O seio da mulher, muitas vezes identificado pela cultura como uma das sedes da feminilidade, aparece, por sua vez, como um território contestado, sujeito a cortes cirúrgicos ou simbólicos que implodem qualquer tentativa de fixidez. O feminino, assim como o masculino, é aquilo que não se apreende completamente, aquilo que escapa a qualquer definição precisa.

São recorrentes os autorretratos na manifestação artística de De La Cruz, que, além de fotógrafa, se estabelece, dessa forma, como uma performer da imagem. A fotografia deixa de ser apenas suporte para se tornar vivência. Isso implica que um corpo cênico e uma subjetividade em processo se desdobram diante das lentes, emprestando significados existenciais à simples fruição estética. O corpo da performer, na maioria das vezes, não assoma em seu estado cru, mas se materializa envolto em tules, tecidos transparentes ou materiais plásticos. Tal envelopamento transforma o presente em ausente, o concreto em evanescente, o visível em oculto, o corpóreo em fluido. Continuidade e interrupção se alternam conforme se divisa ou se perde o corpo que se movimenta embaixo dessas camadas.

Na série “Mãe d’água”, terra, água e ar emprestam suas características para que o corpo humano se dissolva mais uma vez, assumindo formas que lembram outras existências. A coreografia executada sobre o rochedo diante do mar é uma encenação de voos e movimentações de aves marítimas. Mas a correspondência entre os gestos só se faz possível pela presença do vento e da água, que agitam e colam o tecido do invólucro à pele da performer. O pássaro, abrindo e fechando suas asas, se adivinha nessa combinação de elementos e maleabilidade. A gestualidade de qualquer animal parece repousar abaixo da superfície da experiência humana, podendo ser trazida para fora a qualquer momento. Ao contrário de uma visão hierarquizada, essa perspectiva enxerga o ser humano como parte de uma teia a interligar igualmente todas as espécies. O todo está dentro do um e o um está dentro do todo. Portanto, qualquer tentativa de destruição da natureza é, na verdade, uma autodestruição.

A consciência ambiental global se manifesta de forma ainda mais explícita no ensaio “Bolha temporal”. Dessa vez o corpo está coberto por uma extensão de plástico bolha, uma metáfora para a vida compartimentada que se experimenta hoje em dia. As novas tecnologias, com seus algoritmos cerceadores, permitem que as pessoas vivam dentro de verdadeiras bolhas sociais, compartilhando vivências e impressões apenas com aqueles que apresentam um perfil semelhante ao seu. O diferente, o oposto, o dissidente é eliminado das interações, o que acaba sufocando qualquer existência, condenada a ser encerrada em si mesma. Além disso, o plástico é um material que representa, talvez como nenhum outro, a destruição dos diversos ambientes e biossistemas, em virtude de levar séculos para se biodegradar. Nessa série, o cenário é mais uma vez uma cena marítima, e a espuma das ondas do mar se mistura ao aspecto bolhoso do envoltório. O borbulhar dinâmico da vida é posicionado em contraste com as bolhas artificiais e imutáveis do plástico. Assim como a bolha social sufoca o indivíduo, o lixo de embalagens plásticas asfixia a vida no mar, pondo em risco, por extensão, a vida em toda a terra.

De La Cruz não propõe, dessa forma, uma experiência estética sem sobressaltos. Lirismo e angústia são as duas faces de seu empreendimento artístico. O olhar do espectador se enleva facilmente com a plasticidade bem elaborada de suas imagens. Porém, razão e emoção também são ativadas para a desconstrução de perspectivas normatizadas a respeito das identidades, existências, corpos e ambientações. O deslocamento de fronteiras surge ainda no seu procedimento de artista múltipla, que transita por diversos meios, como performance, fotografia, montagem, colagem, poesia e muitos outros, sempre que sejam necessários para a execução de seus projetos. E é justamente um recorte dessa criativa multiplicidade que é possível verificar agora nas páginas da Pixé de setembro.

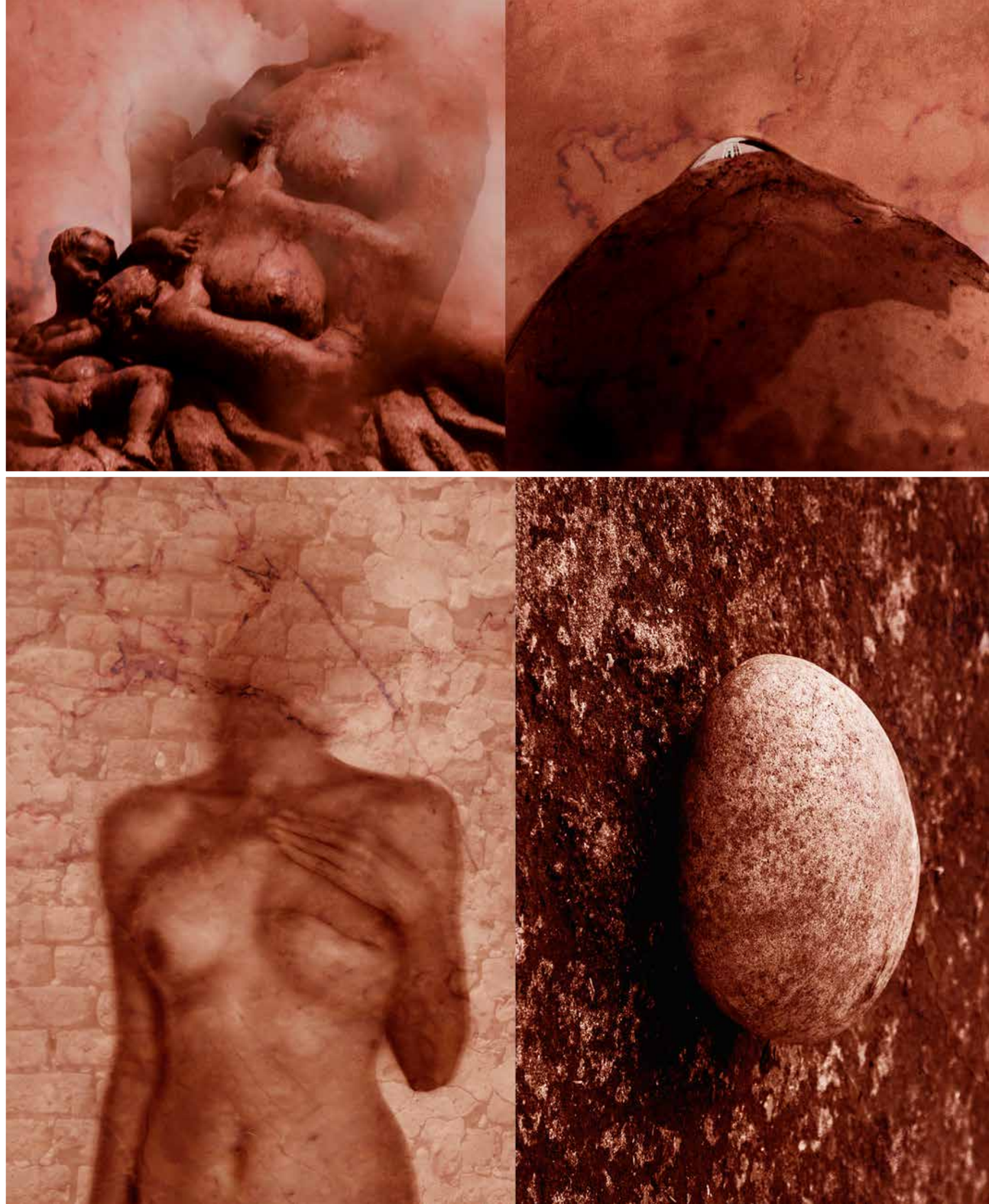
PRÊMIO PIXÉ DE LITERATURA

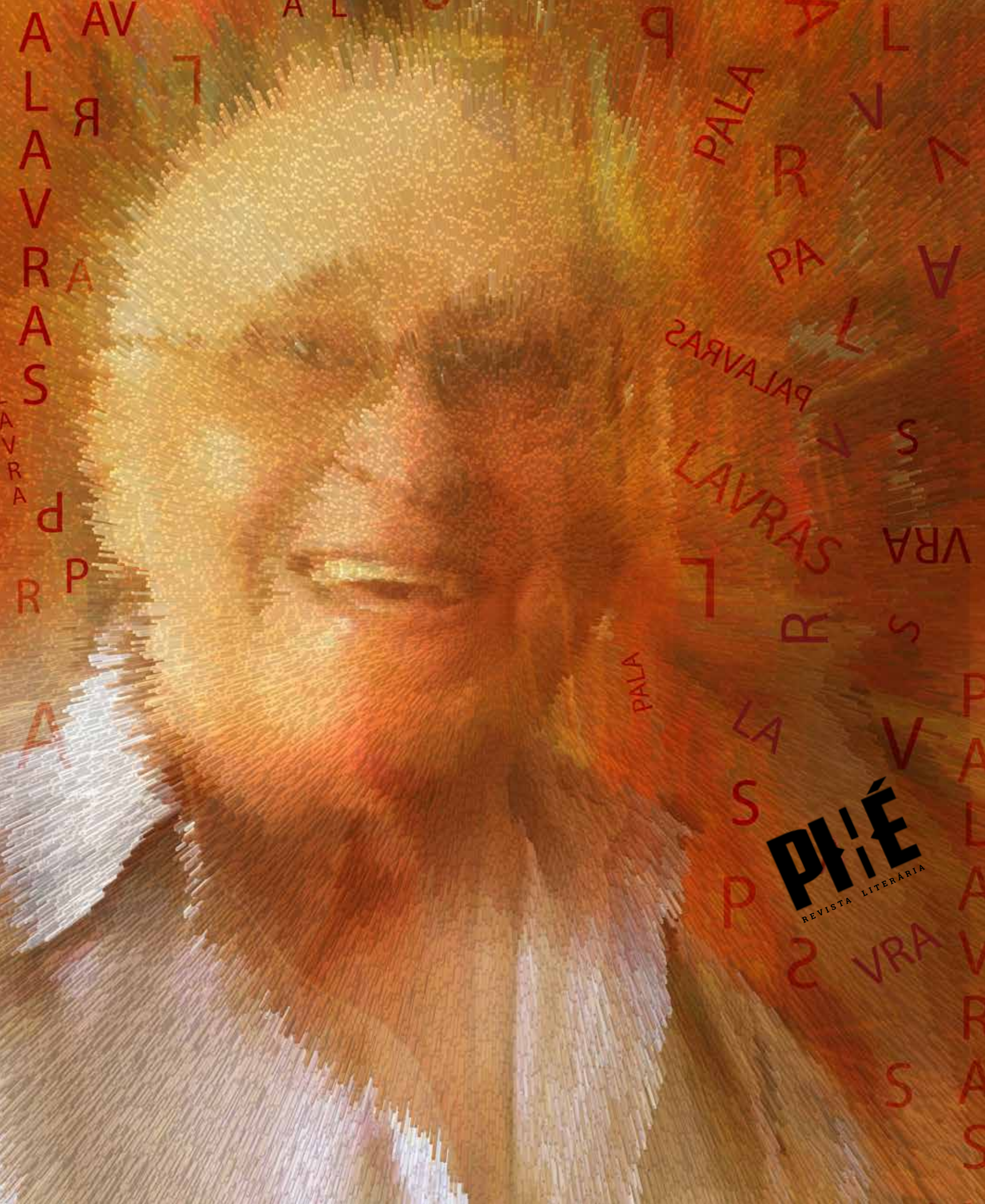
EDITAL

O Concurso Literário Pixé é uma iniciativa privada construída a partir da parceria entre a Revista Literária Pixé (www.revistapixe.com.br) e a Editora Carlini e Caniato (www.editoracarliniecaniato.com.br), sem qualquer vínculo público. O objetivo inicial é a visibilidade de novos talentos na literatura mato-grossense, possibilitando a reunião, revisão e edição de textos reunidos em 1 livro a ser lançado nos sites oficiais da Revista Literária Pixé e da Editora Carlini e Caniato.

O Prêmio Pixé de Literatura é uma iniciativa privada construída a partir da parceria entre a Revista Literária Pixé (www.revistapixe.com.br) e a Editora Carlini e Caniato (https://carliniecaniato.com.br), sem qualquer vínculo público. O objetivo é a visibilidade de novos talentos na literatura mato-grossense, possibilitando a reunião, revisão e edição de textos reunidos em 1 livro a ser lançado no site oficial da Revista Literária Pixé.
1 – As inscrições vão do dia 09 de julho ao dia 23 de outubro de 2019, valendo a data da postagem nos correios. Podem concorrer todos os(as) candidatos(as) que não tenham livros autorais publicados na categoria em que concorram, mato-grossenses de nascimento ou quem comprove residir em Mato Grosso no momento da inscrição. Para efeito de encerramento de inscrições, os organizadores esperarão até o dia 01 de novembro eventuais envelopes retardatários, atrasados e/ou eventualmente extraviados.
2 – O Concurso Pixé de Literatura está dividido em duas fases: a 1ª é a habilitação preliminar e a 2ª, o exame de mérito. Cada candidato(a) deverá enviar por correio à Rua Estevão de Mendonça, 1.650, Morada do Sol, Cuiabá-MT, CEP 78043-405, 1 (hum) envelope grande escrito por fora CONCURSO PIXÉ DE LITERATURA, contendo outros 2 (dois) envelopes menores. Eventuais retificações no presente edital, alterações de calendário por força maior, e todas as demais informações serão publicadas exclusivamente no site da Revista Literária Pixé e da Editora Carlini e Caniato.
3 – A fim de promover a habilitação preliminar, no 1º envelope o(a) candidato(a) deverá escrever por fora HABILITAÇÃO DO CANDIDATO, contendo somente: cópia de documento de identidade com foto caso mato-grossense de nascimento. Caso o(a) candidato(a) não tenha nascido em Mato Grosso, deverá mandar comprovante de residência ou carteira de motorista, a fim de comprovar suficientemente a residência atual.
4 – O(a) candidato(a) enviará também neste mesmo 1º envelope: uma folha A4, o nome completo, o CPF, o telefone, o e-mail, endereço completo e o codinome usado no texto literário. Indicará, ainda, na mesma folha: os dados bancários completos para o depósito do prêmio, seja pessoal, seja de terceiros.
5 – No 2º envelope, o(a) candidato(a) deverá escrever por fora TEXTO LITERÁRIO e remeter como conteúdo o texto literário em prosa ou poesia, indicando na autoria somente o codinome, a fim de evitar qualquer identificação à comissão julgadora.
6 – O texto em prosa (conto, crônica ou croniconto) deverá estar digitado em letra Times New Roman, fonte 12, espaço simples, tabulação padrão do Word Office, em até 5 (cinco) laudas. O texto em poesia deverá estar no mesmo formato citado anteriormente, com até 2 laudas.
7 – Serão selecionados 10 textos em prosa, sendo os 3 (três) primeiros lugares apontados como vencedores e 10 (dez) textos em poesia, sendo os 3 (três) primeiros lugares apontados como vencedores. Caso a organização descubra concomitante ou supervenientemente qualquer publicação de livro autoral impresso ou on-line por parte do candidato(a) até a data do encerramento das inscrições, será este(a) sumariamente eliminado(a), inclusive da classificação e da premiação.
8 – Os textos selecionados como vencedores estarão devidamente destacados pelo Editorial do livro produzido e os 6 (seis) autores(as) vitoriosos(as) serão remunerados(as) em R$ 1.000,00 (hum mil reais) cada, perfazendo a premiação total do PRÊMIO PIXÉ DE LITERATURA em R$ 6.000,00 (seis mil reais).
9 – Todo o projeto gráfico, diagramação e revisão ficará a cargo da Editora Carlini e Caniato, a partir da seleção realizada pela comissão julgadora. O resultado será divulgado no site oficial da Revista Literária Pixé e na respectiva fanpage www.facebook/revistapixe no dia 02 de dezembro de 2019 até às 18h e da mesma forma no site oficial da Editora Carlini e Caniato e na respectiva fanpage www.facebook.com/editoracarliniecaniato.
10 – O livro será lançado num prazo máximo de 120 (cento e vinte) dias depois de divulgado o resultado e será integralmente disponibilizado, sem custos, em modelo PDF para download ao público visitante da publicação virtual. Os organizadores selecionarão artista plástico para ilustrar a publicação.
11 – O pagamento do prêmio dar-se-á no mesmo dia da divulgação do resultado por meio de depósito bancário direto. Os organizadores não se responsabilizam face ao erro de informação dos dados bancários fornecidos na inscrição.
12 – Todos os casos referentes à habilitação ou eventuais situações não previstas por este edital serão resolvidos unilateralmente e de forma irrecorrível pelo Editor-Geral da Revista Literária Pixé em conjunto com os Editores da Carlini e Caniato. O julgamento de mérito ficará sob responsabilidade de 3 (três) convidados com ampla experiência em literatura brasileira cujos nomes serão divulgados com o resultado.
13 – Os(as) autores(as) que aderirem ao presente chamamento declaram o expresso conhecimento e a concordância com a publicação do texto, doando todos os direitos autorais sobre o mesmo e não poderão reclamar quaisquer valores financeiros ou reservas legais na divulgação, editoração e publicação, mesmo que seja ela futuramente lançada em meio impresso tradicional e/ou usada de outras formas pelos proponentes do concurso.
14 – A Revista Literária Pixé reserva-se no direito de usar a fotografia de todos(as) os(as) candidatos(as) selecionados(as) na divulgação do resultado, assim como publicar em parceria com a Editora Carlini e Caniato os textos em prosa ou poesia no próprio corpo de uma de suas edições ou em uma edição especial, independentemente de cronologia ou de colocação, de acordo com a conveniência editorial do periódico e/ou da editora.

Cuiabá-MT, 09 de julho de 2019.
Pixé Revista Literária e Calini & Caniato




PLIÉ
REVISTA LITERÁRIA